

O Jornalista na Capa

Da capa do jornal às páginas de um livro

O Jornalista na Capa

Da capa do jornal às páginas de um livro

Fernando Grisolia

Bauru, 2014

A todos que acreditaram.

Agradecimentos

Agradeço à minha família. Em especial minha
mulher e filhos, fontes de minha motivação.

Ao orientador Prof^o Dr. Ângelo Sottovia Aranha.
Você foi fundamental companheiro!

Aos que aqui já não estão.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram
para a realização deste trabalho.

“Não é só a morte que iguala a gente. O crime, a doença e a loucura também acabam com as diferenças que a gente inventa.”

Lima Barreto

ÍNDICE

Prefácio	7
O Início	8
O Mergulho	14
A Ilha	36
O Fundo do poço	44
Os que morreram	58
A Saída (Epílogo)	63
Apêndice	65
Anexos	67

PREFÁCIO

Os problemas relacionados ao uso abusivo de drogas estão hoje no centro da discussão nas mais diversas esferas da sociedade, seja ela política, econômica, na saúde e segurança pública, bem como, no âmbito familiar. As drogas são hoje, por muitos, tratadas como epidemia, sejam elas lícitas ou ilícitas. Desde que causem dependência física e (ou) psicológica elas estão diretamente ligadas à improdutividade profissional, à várias doenças crônicas e à violência de todas as ordens (para citar apenas os danos mais visíveis). Tal problemática faz com que crescentemente indivíduos, famílias, empresas e governos tenham de dispendar maiores recursos, sejam eles econômicos, laborais ou emocionais na tentativa de solucionar, ou mesmo apenas atenuar o sofrimento e destruição causados nas diferentes relativas ao mercado de tais substâncias.

As drogas sempre estiveram presentes nas mais diversas culturas e sociedades no transcorrer da história. A questão da dependência encontra inúmeros relatos no passar dos séculos: o ópio na China, o rum recebido como moeda de troca por escravos na África, entre outros exemplos, mostram que antes de tudo, as drogas são um grande negócio e que, por muitas vezes é utilizada como ferramenta para subjugar e alienar populações inteiras através do globo.

Tendo em vista a complexidade, amplitude, e a pertinência dada a constante atualidade do tema, ações que visem propor uma reflexão ou tão somente busquem ajudar no entendimento do fenômeno do abuso de drogas são hoje tema dos mais diversos produtos jornalísticos e teses acadêmicas de diferentes áreas. Seminários, documentários, filmes, livros, novelas, entre outros, discorrem sobre essa mesma temática nos seus mais diversos aspectos. Mostram as diferenças e similaridades de um problema que atinge populações em todos os estratos sociais ao redor do mundo.

O presente livro busca reportar a imersão no mundo do vício e suas consequências a partir da visão de quem na maior parte do tempo da sua existência tal realidade. O primeiro contato, o estabelecimento da dependência, a perda controle, o sofrimento, a miséria, mas sobretudo, mostrar que por maior que seja o envolvimento, desde que não se morra no caminho, é possível encontrar uma saída e tirar lições do aprendizado obtido através da dor.

O INÍCIO

É difícil precisar quando e como foi o meu primeiro contato com as drogas. Muito comentado foi o meu primeiro porre. Era 1980, segundo relatos de minha própria mãe, durante uma festa de confraternização da extinta empresa estatal de telefonia na qual o meu trabalhava, fui uma atração com a qual muitos dos presentes se divertiram. Afinal de contas, ver uma criança de três anos embriagada de chope, oferecido por vários convidados que participavam da “brincadeira” é algo, no mínimo, inusitado.

No entanto, mesmo que não me lembre, provavelmente essa não tenha sido a primeira vez que eu tenha bebido, já que em minha família, creio que assim como em muitas outras, era comum deixar que as crianças experimentassem “um pouquinho” do copo dos adultos para que não ficassem com vontade. Em minha memória guardo poucos lampejos de cenas nas quais tal prática era promovida. Como um dia em que minha irmã não conseguira ficar de pé após entornar um copo de caipirinha que deixaram ao seu alcance. Talvez por isso, tenha ela desenvolvido a estranha mania de beber perfume quando infante.

Em minha genealogia, o problema com o abuso de substâncias que alteram o humor está presente há gerações. Para me ater apenas a fatos com os quais tenho relação direta, posso citar meus avós, grande parte dos meus tios e, claro, meus pais.

Em maio de 1963, Alberto, meu avô paterno, um trabalhador da extinta Rede Ferroviária Federal, morreu aos sessenta anos de idade em decorrência da cirrose hepática que dissolvera o seu fígado. Pai de seis filhos, sendo o meu pai, então com quinze anos, o único homem, deixou à sorte de minha avó a criação da prole que com ela gerara. Porém, assim como outras drogas, antes de matar o álcool dilacera suas vítimas. Perdas e humilhações tornam-se uma constante para o dependente e para aqueles que o cercam. Entre os vários constrangimentos, ficou marcada a ocasião em que meu avô, em um dos delírios causados por seu etilismo crônico, saiu à rua nu, sendo logo depois contido por familiares e vizinhos. O intuito desse “panorama genealógico” é tão somente apenas o de situar àqueles que neste momento se atêm à leitura deste relato (que ao se desenvolver pretende firmar seu caráter jornalístico) quanto à trajetória familiar antecedente até mesmo ao meu nascimento e que, conforme relatarei, penso ter sido determinante direta e indiretamente no desenvolvimento da minha adicção. Havendo empatia, pretendo mostrar o quanto essa doença está incrustada através de gerações em um “sem número” de famílias. Sendo assim, procurarei ser breve, sem, no entanto, omitir eventos e personagens basais na construção desta narrativa.

Sinto saudades do meu “tio Zé”. Irmão mais próximo de minha mãe, ele fora o meu padrinho de batismo. Tive por alguns anos a oportunidade de conviver com ele. Veio morar conosco com o fim do seu casamento. Era ele uma pessoa muito querida. Garçom, desde a juventude trabalhou em diversos restaurantes de Bauru, entre eles o famoso G Petiscos, do qual falava com grande saudosismo. Fora lá que adquiriu a alcunha de “Abobrinha”, pela qual se orgulhava de ser conhecido por toda a cidade. Boêmio, foi assíduo frequentador da antiga Zona do Meretrício, de onde, posteriormente, escolheu a mulher com quem iria se casar e ter filhos. Exímio contador de piadas, não faltavam em seu repertório *causos* da extinta “Casa da Eni” e dos bailes de carnaval da cidade nas décadas de 70 e 80.

O uso abusivo de drogas, com ênfase no álcool, arruinou sua vida. Em seus últimos anos deixara mulher e filhos, não conseguia manter-se em qualquer que fosse o emprego e morava conosco “de favor”. Morreu em 1994, aos quarenta e dois anos, atropelado por uma caminhonete na avenida Nações Unidas, enquanto voltava do trabalho. Não posso afirmar que estivesse embriagado, mas, dado o horário e o fato do seu alcoolismo, seria pouco provável que o mesmo estivesse sóbrio. Alguns anos depois “Rubinho”, seu primogênito, foi encontrado enforcado. Não suportou a dor de sua existência disfuncional e marginalizada cujas sequelas foram potencializadas pelo uso do crack.

Romildo, também meu tio por parte de mãe, desde a adolescência fora alcoólatra, passou também por todas as situações inerentes às pessoas nessa condição. Viveu seu momento mais crítico no final da década de 90 quando, ao dormir embriagado na porta de um bar próximo à sua casa, teve o seu corpo incendiado por um desconhecido. Quando saiu do hospital, após um longo período de internação, voltou a beber. Está sóbrio há pouco tempo. Aos setenta e dois anos, é um sobrevivente.

Poderia eu ainda discorrer sobre outros vários ocorridos no âmbito familiar e de pessoas muito próximas permeados de mazelas relativas ao uso abusivo de substâncias que alteram o humor. Apesar disso, quero agora ater-me àquilo que penso ter diretamente contribuído para o desenvolvimento de minha adicção ativa (termo do qual me utilizarei ao longo de toda a narrativa para designar a, já há algum tempo reconhecida como, doença desenvolvida por pessoas que têm problemas com drogas): a instalação do consumo abusivo dentro do próprio lar.

Desde minhas primeiras lembranças recorro-me de meu pai a beber. A ideia dos finais de semana em família sempre fora permeada por churrascos e festas (senão em nossa casa, na casa dos meus tios ou pessoas próximas) regados a muita comida e bebida. O conceito de

diversão sempre esteve diretamente ligado às inacabáveis quantias de cerveja e caipirinha. E tal fato pode ser considerado lugar-comum em celebrações familiares. Todavia, o que difere o consumidor “social” daquele considerado viciado é a obsessão e a compulsão que o indivíduo apresenta ante a substância pela qual tem predileção. A obsessão é a vontade que a pessoa apresenta e que só é satisfeita no contato com o seu objeto de desejo. Já a compulsão é a incapacidade de cessar após esse contato inicial. Pois bem, assim eram os finais de semana: após maratonas etílicas protagonizadas por meu pai, tios ou, seja lá, quem fosse, nos quais as mulheres eram relegadas à cozinha e a “cuidar das crianças” enquanto os “marmanjos” se alternavam nas idas ao bar para renovar o estoque de bebida, voltávamos para as nossas casas felizes pela quebra da rotina.

Considero essa a fase “romântica” do alcoolismo de meu pai (desconsiderando o fato de eu, com pouco mais de um ano de idade, ter sofrido um acidente automobilístico no qual ele e outro tio, alcoolizados à bordo de um fusca, colidiram frontalmente com um ônibus! Acidente que me deixou uma cicatriz no supercílio esquerdo até hoje), pois até então, os exageros restringiam-se aos dias de descanso, não alteravam sua rotina de trabalho e, por isso, tínhamos uma vida normal conforme os padrões sociais aceitos.

Porém, com o passar do tempo, o mau hábito da bebida começou a tomar uma proporção cada vez maior em sua vida (e na nossa, por consequência). Passou a beber diariamente para “relaxar”. Via-o todos os dias chegar do trabalho e sentar-se na poltrona da sala, onde tinha início o seu ritual: algumas cervejas, senão *uísque* ou então *bitter*. Assistia ao Jornal Nacional, ali mesmo jantava e no mesmo lugar acabava por dormir.

Com a progressão do vício, meu pai já não voltava direto para casa ao sair do trabalho. Como é normal para muitos chefes de família, passou a “dar uma passada” no bar diariamente. Só não ficava até mais tarde porque morávamos em um bairro violento na cidade de Guarulhos, na Grande São Paulo, lugar dominado por bandidos e justiceiros. Somado a isso, existia o medo da ROTA, que em meados dos anos 80 (e ainda é hoje) costumava ser bastante violenta com quem fosse encontrado após certo horário em bares da periferia. Chegava já de noite. Ainda assim, cumpria sua rotina e no dia seguinte saía novamente para trabalhar. Penso que a morte de minha avó Dalva, sua mãe, em 1984, contribuiu grandemente para o aprofundamento do seu alcoolismo crônico.

A vida seguiu nessa mesma “toada” até 1987. Cansado da pesada rotina da metrópole, no anseio de uma vida mais pacata ou então na busca de reencontrar algo que deixara para trás, meu pai pediu transferência para a sua cidade natal. Trabalhou então, por quase um

ano, voltando para casa somente nas folgas. Era algo muito amedrontador para uma criança. Ficávamos sós durante toda a semana: eu, minha mãe e minhas duas irmãs ainda pequenas. Lembro-me, como em um filme, de muitas vezes chorar ao ver o ônibus (do Expresso Brasileiro que o levava até o terminal rodoviário do Tietê) partir. Nessa época, no meu parco entendimento, meus pais viviam bem como casal. Após esse primeiro momento, mudamos todos para Bauru.

Era um novo começo. Para mim, em especial, a vida no interior significou uma mudança radical, até então não sabia o que era rua. Minha vida na periferia de Guarulhos, região metropolitana de São Paulo, restringia-se da escola para casa: brincar, só do portão para dentro. A cidade para a qual mudamos era a mesma da qual tinha ternas lembranças das aventuras vividas quando vínhamos passar as férias na casa dos parentes que aqui ficaram. Era brincar na terra, de esconde-esconde, explorar o “riozinho”. A Bauru do final dos anos 80 ainda conservava muitas peculiaridades interioranas. Havia poucos carros nas ruas. Não existiam *shoppings* e longe estávamos do advento da internet. Recordo que na extinta estatal telefônica, na qual nessa época ainda trabalhava meu pai, existia em seu piso térreo um enorme computador em exposição no qual era possível digitar uma mensagem e a mesma ser lida em outra localidade. Fiquei estupefato com tal possibilidade.

Esse romantismo com a nova morada restringia-se à liberdade conquistada. A mudança de escola e hábitos fizeram com que meu rendimento escolar piorasse. De aluno prodígio nos primeiros anos de estudos, em escola particular, passei à condição de mediano a fraco. Minha vida acadêmica nunca mais foi estável. Da quinta série em diante, passar de ano escolar ocorria à duras penas. Mesmo assim, jamais foi reprovado... Até a chegada do então chamado colegial. Mas aí as circunstâncias já eram outras, as quais retomarei adiante.

Após alguns meses na cidade, meu pai achou por bem construir uma casa em um terreno que adquirira quando recém-casado. Agora ele dispunha de mais tempo. Podia almoçar em casa se quisesse. Na ausência de trânsito e das longas distâncias no deslocamento para o trabalho sobrava-lhe tempo. Tempo esse que dedicou na intensificação do seu etilismo. O que era semanal passou a ser diário. O hábito diário da bebida tornou-se compulsão por bares que, depois de um tempo, não mais se resumia a depois do expediente de trabalho. Passou a beber em demasia e a sofrer as consequências do vício. Em pouco tempo, já não cumpria horários. Por vezes, trabalhou embriagado. Agora faltava ao serviço. Tais faltas tornaram-se frequentes. Não aceitou ajuda quando ofertada pela empresa. Não admitiu a existência do problema. Por fim, foi demitido do emprego e então, os problemas de fato se intensificaram. Tal fato ocorreu em fevereiro do ano de 1992.

Enquanto empregado, mantivera o respeito de “chefe de família”. Cumpria, ao menos, suas obrigações financeiras e, até então, nada tinha-nos faltado. Nesse ínterim, desde que nos mudamos, as coisas pioraram paulatinamente. Em dado momento lembro-me que, tanto eu quanto minhas duas irmãs, mais novas do que eu, sentíamos vergonha de frequentar o colégio particular no qual éramos matriculados. Sabíamos que nossas mensalidades há muito tinham deixado de serem pagas. Nossas roupas já não condiziam com as dos demais. Não éramos convidados para eventos extra-sala de aula e ficávamos aterrorizados quando meu pai surgia para buscar-nos em um opala “caindo aos pedaços”. Hoje enxergo tais aflições como, talvez, uma infantil falta de personalidade decorrente da baixa autoestima. No entanto, tais privações intensificavam-se em todas as áreas de nossas vidas. O medo e a insegurança fizeram-se constantes. Ao menos dessa inadvertência em manter-nos na escola sem a possibilidade de pagamento adveio algo de bom: acredito que a boa base educacional que tive até o término do que hoje é chamado de ensino fundamental foi o que possibilitou posteriormente o meu ingresso em uma universidade pública e a aprovação em alguns concursos da mesma ordem. Mas, para chegar até esse ponto, a trajetória antes percorreu um declive de ordem abissal.

O MERGULHO

Os acontecimentos, ou fase, que passo a agora narrar, e que não necessariamente serão narrados em uma ordem cronológica, passam a descrever diretamente o desenvolvimento e a intensificação de minha dependência química. Para tanto, continuarei a me recorrer de fatos que julgue pertinentes ao entendimento e contextualização do leitor com o universo do dependente. As histórias de uso abusivo de entorpecentes têm cada qual as suas particularidades. Porém, se não forem detidas em um dado momento, como é dito em uma determinada literatura voltada à recuperação, levam o indivíduo a somente três possíveis fins: à internação (em clínicas de recuperação ou psiquiátricas), à prisão ou à morte. Se essas palavras agora são lidas é porque em um momento passado tal doença foi contida. O que ofereço é mostrar o problema do abuso de drogas sob a ótica de quem esteve dentro dele. De quem precisa reafirmar todos os dias o seu propósito de uma nova vida livre de tais substâncias. Penso ser uma espécie de inadvertido jornalismo gonzo ou de despropositada imersão. Tema do qual preferiria eu não ter que falar (ao menos com protagonismo).

Pouco antes de ser demitido do emprego no qual permaneceu por cerca de dezenove anos, Alberto teve a infeliz ideia de abrir um bar, um botequim desses de vila. Como é de se supor, o empreendimento não durou muito. Foi o mesmo que, semelhantemente a uma fábula, nomear um lobo para pasturar cordeiros. E dessa decisão advieram uma ampla gama de infortúnios.

O Jardim Godoy, onde moro até hoje, era no início da década de 90 um bairro ainda mais periférico do que nos dias atuais. Era comum vermos pessoas à cavalo (e até mesmo bandos que se utilizavam desse meio de transporte já há tempos superado no meio urbano), boa parte das suas ruas ainda eram de terra e a sensação que se tinha era a de se estar em uma localidade muito mais afastada do centro da cidade do que de fato era. Na verdade, o bairro fica a quinze minutos da área central. Apesar disso, o sentimento de periferia e isolamento mantém-se presente. Bairros equidistantes como o Jardim Bela Vista e Parque Vista Alegre (este que, aliás, merecerá maior atenção a seguir) apresentam um nível de desenvolvimento superior àquele no qual cresci. Havia até mesmo *gangs* como a “Turma da Praça”, que antagonizava com a famosa “Função” (grupo que na época teve destaque, negativo é óbvio, na imprensa local) e a “Gang do Zé Gordo” que aterrorizava os moradores. Agiam montados em seus equinos. Um cenário um tanto *sui generis*.

No início, o bar funcionava em um salão alugado na “rua debaixo” da nossa casa, no salão

da “Dona Dita”. Tinha bilhar, pebolim e máquina de *pinball*. Logo o movimento cresceu. Passei então a ter contato com pessoas que até então não tinha conhecimento. Meu pai bebia como se freguês fosse e, minha mãe, que até então não tinha o hábito de beber, passou também a fazê-lo. O bar fechava e, não raro, clientes permaneciam dentro já com a porta fechada a beber junto de meus pais. Eu, então com treze anos, começava a minha trajetória: bebia às vezes em festinhas ou quando saía com os garotos mais velhos da vizinhança. Certa feita, na Grand Expo Bauru, tradicional feira agropecuária que ocorre anualmente na cidade, tomei um porre de batida de côco e tive que ser levado para casa. Foi um dos primeiros de que me recordo. Outro fato que continua fresco na memória (que por diversas vezes relatei a amigos quando a discussão girava em torno do tabagismo) foi quando, após algum tempo fumando escondido, decidi, em um ímpeto temerário juvenil, enfrentar meu pai ao acender um cigarro em sua presença. Estávamos já no novo bar que havia sido recentemente construído onde antes era uma das garagens de nossa casa. Sentado em um dos bancos defronte ao balcão (a lei antifumo é algo bastante recente) saquei um cigarro do bolso e de pronto acendi. A reação à suposta afronta sobrepujou a mesma: - Ah... Então você está fumando? Acedi positivamente. –Você têm cigarros? Respondi que não. – Pegue, então, dinheiro no caixa, porque homem que é homem não pede cigarros pros outros! Fiquei surpreso e de certa maneira admirei a reação inesperada de meu pai. Deu-me a entender que, para ele, eu estava “virando homem”.

Em fevereiro de 1990, após a intensificação das ausências no trabalho em decorrência do etilismo, após uma discussão na qual ele mesmo afirma ter xingado o seu chefe em público, durante o expediente de trabalho, meu pai foi demitido. O fato do xingamento foi apenas a “brecha” que a empresa esperava para livrar-se do funcionário-problema. Nessa época, o país vivia um momento de intensa instabilidade econômica, período antecedente ao Plano Real. Vivíamos a chamada “Era Collor”, sob galopante inflação de preços e constante desvalorização da moeda. E foi nesse contexto que meu pai recebeu o “acerto” de dezenove anos de trabalho. O pouco conhecimento no campo das finanças, somados à euforia da embriaguês e à brilhante ideia de guardar boa parte de sua rescisão em muitos maços de dinheiro escondidos pela casa, fizeram com que em poucos meses estivesse ele sem nenhuma economia à qual pudesse recorrer.

Não demoraria muito para que o bar falisse. Antes disso, a violência doméstica, até então ausente, havia se apresentado. Enciumado dos clientes que frequentavam o bar, (muitas vezes com certa razão, já que nesse tempo minha mãe também se embriagava

frequentemente, o que a deixava vulgar), meu pai passou a agredi-la de forma verbal assiduamente, para depois, então, passar à agressão física. O primeiro registro foi em uma ocasião especialmente infeliz na escolha da data: era aniversário dela e ele a agrediu com um tapa no rosto na presença de parte dos convidados. Segundo afirma ela até hoje (acredito que esse tenha sido apenas o motivo que esperava para tomar tal decisão), esse foi o fim do casamento entre ambos.

As brigas e agressões passaram a ser constantes. Eu, então com treze anos, minhas irmãs com dez e nove respectivamente, passamos a assisti-las e a sofrer com elas. Foi assim que começaram, e cada um à sua maneira, as nossas tentativas de fuga daquela triste realidade. Com o passar do tempo, tal realidade passou a incluir privações de todas as ordens. Tanto materiais, quanto afetivas. A imagem da geladeira apenas com uma panela de arroz branco e uma garrafa d'água foi algo bastante perturbador. A miséria que assolava nossa família fora de todas as ordens e tal destruição perdurou por anos. O abandono materializava-se ao observarmos a nossa casa. As visitas de familiares e amigos, que eram constantes “nos bons tempos”, rarearam até o ponto de inexistirem. Éramos agora uma família pobre e desestruturada com que poucos queriam contato.

Com a ciência dessa rejeição procurei conforto entre os meus iguais: os pobres ou desajustados, com famílias desestruturadas, ávidos por uma fuga da realidade. Aqueles com quem me sentia bem, os loucos e revoltados empáticos com a minha dor.

A mudança de grupo, de amigos, assim como de hábitos, não se deu com uma ruptura, repentinamente. Na adolescência, um período crítico para a formação e afirmação do indivíduo, senti que já não havia identificação entre eu os então amigos de escola. Eu não tinha as mesmas roupas, não podia frequentar os mesmos lugares, não tinha feitos incríveis para contar sobre as minhas férias. Não era convidado para as festas de aniversário e durante o intervalo das aulas percebia ser por muitos evitado. Tal inadequação, somada aos outros tantos fatores já supracitados, fez com que ainda no primeiro semestre do primeiro ano do ensino médio, que àquele tempo se chamava de colegial, eu abandonasse pela primeira vez os estudos.

Apesar disso, não foi nesse momento ainda que a trajetória definitivamente tomou o caminho destrutivo que eu percorreria. O processo já estava em andamento. Os novos amigos e hábitos já coexistiam com um jovem ainda “careta” e estudioso. Foi assim que, ainda no mesmo ano em que larguei os estudos no Colégio “La Salle”, estudei por conta própria e consegui entrar no ainda hoje disputado Colégio Técnico Industrial “Isaac Portal

Roldán”, o conhecido C.T.I. da UNESP. Fiquei muito entusiasmado, afinal de contas, pensei, “eu ainda tinha jeito”. Era o primeiro ano nas novas instalações. O curso de Processamento de Dados era muito promissor em um momento em que se iniciava a intensa informatização que veríamos nos dias atuais. O sistema operacional MS-DOS (acredito que a maioria dos leitores saiba do que estou falando e se não souber basta digitar no Google) estava em grande parte sendo substituído pelo então incipiente Microsoft Windows, a internet no Brasil engatinhava, o que fez com que quem tivesse a formação específica na área relacionada dispusesse de grandes chances de desenvolvimento profissional. Inclusive, vários colegas de turma hoje ocupam cargos de destaque em grandes corporações.

Pois bem, quando tento analisar o que fez com que eu adentrasse tão profundamente no mundo da adicção, esse fato vem-me à mente como um ponto de ruptura: não pude continuar no C.T.I. Não tinha dinheiro para o transporte, nem para alimentação. Não tinha o apoio da família. Não houve valor algum em minha conquista. Ao pedir dinheiro para ir à aula (essa foi a realidade com a qual me acostumei desde muito pequeno e que se dissolveu junto com a implosão do núcleo familiar. Acredito que, se tivesse crescido em meio à dificuldades, talvez pudesse lidar melhor com a crise instalada), era achincalhado e por vezes agredido. Demorei a entender que a realidade então era outra. Totalmente decepcionado, estava apto a entregar-me à fuga que só as drogas podiam proporcionar.

O ano de 1990 chegou ao fim e, para mim, mesmo aos treze anos, não teve o mesmo significado que tivera para o mundo. Naquele momento, a queda do Muro de Berlin e o consequente fim do socialismo passaram quase que despercebidos por mim. Somente depois de anos pude entender o contexto histórico no qual vivia. Encontrava-me em uma espécie de letargia, envolto em problemas que eu ainda demoraria toda a vida para assimilar. Em alguma das consultas que, anos depois, fiz com o psiquiatra lembro-me de ter ouvido que nossa mente tem a capacidade de “deletar” experiências excessivamente ruins. Creio que seja por isso que muito do vivido no período tenha simplesmente sumido de minhas lembranças. Mas, muito disso ficou registrado.

Nessa época, meu melhor amigo, senão único, era o meu vizinho Éverson, com o qual mantenho contato até hoje. Éramos inseparáveis. Frequentávamos a casa um do outro e sempre saíamos juntos. Depois de desistir do Colégio Técnico tivemos a brilhante ideia de estudarmos juntos e, para ajudar no sucesso, escolhemos uma escola do outro lado da cidade: o “Cristino Cabral”. Óbvio que tal estratégia pouco durou. Raras foram as vezes

em que chegamos à sala de aula. Invariavelmente, ficávamos nos muitos “fliperamas” à época existentes na avenida Rodrigues Alves, que corta o centro da cidade de Bauru. “Street Fighter” e “Mortal Kombat” eram a “febre do momento”. Era onde extravazávamos boa parte de nossa ira adolescente. Foi esse um período de transição. Bebíamos e fumávamos. Extrapolávamos vez ou outra. Para meu amigo, as coisas permaneceram dentro do aceitável. Para mim, a intensidade e variedade do uso cresciam perigosamente de forma exponencial.

Experimentar maconha foi fácil. Via muitos dos fregueses do bar “bolando” (como é comumente chamado o ato de enrolar) cigarros de maconha. O popularmente conhecido “baseado”. Sendo assim, foi fácil identificar quem tinha para vender. Falei com o “Gato”, esse era o seu apelido, e minutos depois fui atendido. Comprei uma “parada de cinco”. O suficiente para três ou quatro cigarros de maconha. Lembro até mesmo do momento em que peguei a droga e de como estava embalada: uma bolsa de plástico redonda que, quando abri, continha uma pequena “bola” de maconha. Era verde com alguns pontos de tonalidade amarela. – É “boy” essa maconha é da loca! Manga-rosa! Vai chapar e ficar dando milho aí... Advertiu “Gato”, sorridente.

Fui então ao Vista Alegre, bairro vizinho no qual conhecia alguns moleques mais “descolados” (e que no futuro viriam a ser meus amigos e companheiros no uso de drogas) e disse que eu tinha o “bagulho”. Fomos daí até uma antiga fábrica de pneus recauchutados abandonada às margens da Rodovia Marechal Rondon, onde eu, João (que já tinha certa “malandragem” e sabia “bolar”) e Felipe sentamos escondidos e fumamos “um” sossegados. O efeito foi dos melhores, ríamos muito e sentia-me completamente despreocupado. O único medo era o da chegada da polícia que, daquela vez, como em outras tantas, não apareceu.

A droga tem um caráter ritualístico e de integração. Possuir droga foi um “passaporte” para conhecer e ser “querido” por novos amigos. Aceitação e pertencimento eram tudo o que eu mais queria então. Quando se usa junto, constrói-se certa cumplicidade, um sentimento de “estarmos no mesmo barco”.

Entre aqueles com quem se estabelece certo grau de amizade, a chamada turma, firma-se um “contrato moral” que funciona da seguinte forma: quando um tem, “apresenta” (termo usado para designar compartilhar o uso) a droga aos demais. Isso se alterna aleatoriamente entre os membros do grupo. Funciona bem com o álcool, solventes como a cola de sapateiro e a maconha. Drogas baratas, capazes de “fazer a cabeça” de muitos com quantias

módicas.

Já com as drogas químicas (cocaína e crack, etc.), que por seu efeito tendem a deixar o usuário mais egoísta (ou individualista se preferir), o seu uso e receptividade junto aos usuários é normalmente condicionado à posse da droga ou do dinheiro para obtê-la. Mas isso é um assunto do qual tratarei depois. Atenho-me agora aos anos que com o seu passar levar-me-ão a toda a “paranoia” e insanidade que o abuso de drogas é capaz.

Até então, minha principal amizade ainda era com Éverson, que mais tarde passaria a ser conhecido pela alcunha de “Queijão”, dada a sua obesidade. Porém, já há algum tempo, a nossa amizade não era vista com bons olhos por seus pais e familiares. Os meus constantes abusos com a bebida, o corriqueiro envolvimento em brigas, além do já descoberto uso de outras substâncias além do álcool, fizeram com que gradualmente nos afastássemos. Até chegar ao ponto de não termos nenhum tipo de contato durante anos. Também pudera, eu agora havia me tornado aquele que em todas as ocasiões excedia, arrumava confusão com todos e que, não raras vezes, partia para agressão. Transformara-me no típico “garoto-problema”. Tachado de má companhia. Essa pecha e a sensação de rejeição magoaram-me por anos.

Sem sentir-me adequado com minhas antigas amizades, encontrei empatia junto aos novos amigos do bairro vizinho. O Parque Vista Alegre dos anos 90 era perfeito para a minha situação. Próximo da minha casa (o que possibilitava que todos os dias fosse para lá), mas, longe o suficiente para que pouco do que eu fizesse chegasse aos ouvidos dos meus familiares. O interessante é que essa “ponte” para que eu conhecesse os garotos de lá foi feita pelo próprio Éverson, que me apresentou a família Hunzicker (Hudson, Lincoln e Jefferson), irmãos que promoviam muitas festas em sua casa e que, por sua vez, eram vizinhos daqueles que se tornariam meus grandes amigos.

A turma da qual passei a fazer parte era a dos “rebeldes”. Os que não conseguiam se adequar às normas. Quase ninguém estudava. Todos os dias, nos reuníamos atrás da Casa do Garoto (igreja que mantém um colégio anexo situada no bairro) para conversar, ouvir música, jogar futebol, entre outras ocupações juvenis e, é claro, usar drogas. Cheirávamos cola, benzina, clorofórmio e até gasolina. Bebíamos e fumávamos maconha. Sempre alguém aparecia com algo, o que fazia com que quase nunca ficássemos sem nos drogar. Ainda assim, esses foram anos românticos: ninguém havia se dado conta de onde aquilo iria nos levar. Éramos inconsequentes que adoravam ficar “chapados”, jogar bola no “Buracão” (onde hoje funciona a Faculdade Anhanguera), ouvir *rock’n roll* e aterrorizar as festinhas que

descobríamos nos finais de semana.

Posso enxergar-me em nossas cotidianas reuniões: Eu, João, Felipe, Davi, Robert, Zibineu, Tote, Neuds, entre outros. Depois de um tempo, passamos a ter um nome: éramos a G.D.M! A “Galera do Mau”. Sigla essa que pichávamos pelos muros da cidade. Quando algum de nós conseguia um emprego, era por pouco tempo. Logo estávamos juntos novamente. Saíamos pela noite à procura de briga e diversão (muitas vezes ambas tinham o mesmo significado). Invadíamos locais insólitos (como o Cemitério da Saudade, por exemplo) para beber, fumar e cheirar uma droga que fez muito sucesso por aquele tempo: o colírio ciclopégico. Usado na oftalmologia para dilatar a pupila dos pacientes, descobrimos que se inalado causava fortes alucinações (certa vez sob o efeito desse alucinógeno eu não conseguia subir o meio-fio porque o enxergava como se o mesmo tivesse um metro de altura). Tempo do “Comprando” ainda na avenida Duque de Caxias e do bar “Pingball”, próximo ao Hospital de Base. Nunca tínhamos horário para voltar. O retorno era sempre já ao raiar do dia ou quando já não tivéssemos nada para consumir. O que acontecesse primeiro.

Essa fase, que alternou momentos em que eu tentava retomar os estudos e conseguir um trabalho, se estendeu por anos. Nunca conseguia me afastar dos vícios e das “más companhias” por muito tempo. Tentei mais algumas vezes cursar o Primeiro Colegial (como era chamado o primeiro ano do ensino médio então) sem jamais obter sucesso. Trabalhei em uma oficina mecânica, como servente de pedreiro, como ajudante na loja de materiais para construção de um familiar, em resumo: só subempregos. Em nenhum obtive sucesso.

Em 1994, em mais uma das inconsequentes aventuras, fui morar com familiares em São Paulo. Na verdade, para todos os efeitos, cheguei como se a passeio. Na mente a intenção de ficar que seria revelada aos meus parentes com o passar dos dias. Tia “Tana” (apelido gerado a partir da contração do seu nome Sebastiana), irmã mais velha de minha mãe, teve cinco filhos de casamentos diferentes e todos moravam com ela então. Viveram inúmeras dificuldades, moraram em cortiços, barracos de madeira onde o banheiro era comum a todas as famílias que lá moravam. Nesse período, seu filho mais velho morou conosco por alguns anos, quando ainda morávamos em Guarulhos. Creio que por isso acabaram por me aceitar como agregado. Penso que sabiam que minha decisão não se manteria por muito tempo. E assim, aos dezessete anos, voltei a morar em São Paulo.

Morar no “Buraco do Sapo” (como é chamado um bairro que fica entre Pirituba e a

Freguesia do Ó) proporcionou-me boas lembranças. Meus primos eram “sossegados” e então, nesse período, o consumo de drogas ficou muito reduzido. Apenas eu e meu primo Renato, que éramos da mesma idade, queimávamos “unzinho” raramente. Minha tia era muito rígida em relação a essas questões. Apegado mais a Renato, saíamos para procurar emprego juntos e, não raro, essas buscas terminavam nos fliperamas do centro da capital. Mesmo assim, “descolamos” emprego em uma transportadora da “Lapa de cima” (a estação de trem divide o bairro em dois), a “Transportadora Scala”, nome ostentado em letras garrafais nas laterais dos caminhões.

Estávamos empregados. Isso nos deixou mais confortáveis em casa. Agora tínhamos um bom motivo para sair de casa. Éramos ajudantes de motorista, o chamado “chapa”. Nosso trabalho se alternava entre cargas e descargas diversas. Eram cargas de grandes lojas do varejo, indústrias, papelão para embalagens, mudanças domiciliares nos mais diversos estratos e regiões, e, até mesmo, despejos. Os dias se passavam nas “marginais”, dentro da boleia de um caminhão. Para que as reminiscências fiquem equilibradas, cito duas (uma boa e uma má) de que não me esqueci: o despejo de uma família de idosos que saíram de uma confortável casa, toda mobiliada com móveis antigos de madeira maciça, no bairro Aclimação, para um cubículo às margens da Represa Billings. Todos eles choravam ao ver que grande parte dos seus pertences ficaria ao relento por não caberem em sua nova morada. A “boa”, por mais tola que pareça, foi quando fomos descarregar embalagens na fábrica da Kibon, que fica no Brooklin. Quando já no interior da empresa, soube que o sorvete era franqueado, qualquer sabor à vontade. Senti-me na “Fantástica Fábrica de Chocolates”. Alternava o trabalho com inúmeras idas às diversas linhas de produção onde eram encontrados *freezers* cheios do que lá era fabricado. Um momento catártico em um mundo de privações.

O trajeto para o trabalho era árduo. Diariamente saíamos ainda de madrugada, a pé, rumo à transportadora. Em certa ocasião, próximo à Ponte do Piqueri, fomos abordados por um suposto segurança a serviço dos comerciantes da região. – O que vocês estão fazendo aqui? Vocês que estão roubando aqui na área! Entra pra dentro do terreno! Exigia o homem de arma em punho. Meu primo se virou obedecendo a ordem. Assustado e temendo pelo pior, argumentei com o algoz: - Somos trabalhadores! Agachei então, e saquei da bolsa a marmitta de alumínio que ao ser aberta revelou um ovo frito salvador. – Levaram um boi (sic)! Eu ia mandar vocês dois pra vala! Vaza logo daqui! Seguimos daí, sem sequer olhar pra trás, rumo à Lapa com a sensação de que a morte muito proximamente passara por nós.

Com o passar do tempo, o trajeto para o trabalho ganhou novos contornos de aventura. Íamos por vezes de trem, da Estação Pirituba à Estação Lapa. Logo nos encantamos com “malucos” que “surfavam” no teto da composição. Não demorou e logo estávamos nós também a colocar a vida à prova. Surfávamos da Lapa à Franco da Rocha (cidade da grande São Paulo) e no sentido inverso. Não íamos até a Barra Funda porque lá era “crowdeado de PF” (gíria derivada do surf para designar que o local era cheio de policiais ferroviários). Os trens da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos) da época não eram os modernos com ar-condicionado que hoje circulam. Eram máquinas e vagões velhos que quase sempre circulavam com as portas abertas. Aliás, o “surf ferroviário” tem essa escala evolutiva: primeiro se “surfa” viajando grudado na porta do lado externo da composição. Com mais confiança, passa-se a viajar no teto, para então depois, andar ou correr por sobre os vagões em movimento. Outro fator que diferencia o bom “surfista” é o quanto esse aproxima a cabeça do fio de alta tensão. É a “crista da onda”. Em cima do trem é possível conhecer pessoas, “descolar unzinho” e, até mesmo, cheirar cola com o trem em movimento (por mais insano que isso possa parecer). “Surfar” sobre os trens foi, sem dúvida, uma das sensações mais libertárias das quais experimentei. Uma marginalidade que não mensura consequências, uma forma de afrontar o sistema, a perfeita expressão de liberdade nascida dos mais oprimidos.

O pouco que ganhávamos (a diária era de R\$15,00 na época) era quase que todo gasto nos carrinhos de lanche e botecos da região. Separávamos o que daríamos para ajudar minha tia a ir ao mercado, ou pagar algumas contas, e o restante ficava pelo caminho. O trabalho começou a ficar escasso. Foi durante essa passagem por São Paulo que recebi a notícia de que meu Padrinho morrera atropelado como antes citei. Não quis ir ao velório. Preferi guardá-lo vivo em minha memória. Sinto que fiz bem. Descobriram que andávamos sobre os trens. Que, por vezes, íamos para o centro da cidade vadiar ao invés de ir ao trabalho. Eu estava causando problemas. Uma briga em que eu e Renato nos envolvemos, na qual quiseram matá-lo (e que só não o fizeram porque saltamos em um córrego imundo antes que nos alcançassem) foi a deixa para que sugerissem que eu voltasse a Bauru. No carnaval de 1995, estava eu de volta à casa de meus pais.

Da chegada à Bauru não poderia esquecer. Espalhou-se a notícia da minha volta e, para minha surpresa, quando o ônibus chegou ao terminal rodoviário havia mais dez moleques me esperando na plataforma de desembarque. Algo, para mim, apoteótico. Desci do ônibus com uma inesperada e calorosa recepção. A turma toda estava ali para acolher o membro

do grupo que, por um tempo, tinha se ausentado. Isso estreitou nossos laços. Formávamos uma turma e estávamos prontos para “o que der e vier”. Era uma noite quente. Saímos imediatamente pelas ruas da cidade. Tínhamos bebidas, baseados e dinheiro para nos divertirmos. Andamos, bebemos, rimos, brigamos e acabamos por conversar até que o dia amanhecesse na Praça do Madureira. Uma noite incrível da qual, passados quase vinte anos, suas memórias ainda fazem-me rir satisfeito e grato pelo gesto de amizade e fidelidade por mim demonstrados naquele episódio.

Estreitei ainda mais os laços com a turma do Parque Vista Alegre. Em especial com João Mazetto. Era mais velho que eu apenas um ano. Porém, muito ligeiro no que se referia à drogas. Tinha contatos mais fortes e, já naquela época, comprava maconha ou cocaína “no peso”. Foi assim que começamos a comprar cinquenta, cem gramas de maconha e a fracionar em paradas de cinco, dez, vinte reais, para bancar o nosso vício e ainda obter algum lucro. Logo João “descolou” um canal forte de cocaína e crack na cidade vizinha de Duartina que, no entanto, também não durou muito tempo. Mas, enquanto durou, serviu-nos com quantidades e qualidades antes nunca vistas por nós. Em certa ocasião, era Natal, e a família dele viajou para o Paraná, onde tinham familiares. Ficamos sozinhos. Tínhamos pegado cem gramas de crack e cem de cocaína. A droga veio empedrada, como que em dois sabonetes. Alto teor de pureza. Queríamos experimentar. A pedra de crack parecia um sabonete de glicerina e tinha um cheiro de produto químico que, somente de lembrar, causa-me hoje dor no estômago (na época, sob os efeitos trazidos pela droga, a reação causada ao sentir tal cheiro é comum entre os viciados: uma forte dor de barriga e necessidade de defecar). Pegamos parte da cocaína e esticamos diversas “carreiras” na tampa de vidro do fogão pré-aquecida. Preparamos a lata e cinza para fumar o crack e assim começamos a fazê-lo.

É difícilimo descrever o efeito de uma “paulada” (nome dado ao ato de inalar o crack colocado sobre a cinza do cigarro depositada na lata ou cachimbo). Quando a droga é boa, colocada em grande quantidade, “sem miséria” como se diz no jargão usual, é de uma intensidade absurda. Você “dá o pega”, enche o pulmão de fumaça o quanto pode (não se costuma mencionar, o sabor é muito bom), enquanto prende a fumaça o seu efeito é imediato: as pupilas dilatam, os batimentos cardíacos disparam, o cérebro parece entrar numa espécie de curto-circuito ou sobrecarga de energia. Quando a fumaça é solta, essa sensação fortíssima mantém-se por mais alguns segundos ou minutos. De fato, “paulada” é o que melhor sintetiza. Fica-se desnortado por algum tempo, tamanha a intensidade do

feito. Em seguida, a única coisa em que se consegue pensar é em uma nova dose que repita essa sensação de euforia e incomensurável prazer químicos.

Minutos depois estávamos os dois trancados e paranoicos dentro da cozinha da casa do João. A cocaína era a chamada “escama de peixe” e não demorou para que não conseguíssemos sequer nos comunicar. A boca “travou” adormecida pelo alcaloide. Cheirávamos, bebíamos e fumávamos. E assim permanecemos por três dias. Só paramos porque sua família iria chegar e não podiam nos encontrar ali. Essa “maratona” de uso foi um marco na mudança de estágio rumo à intensificação no meu uso de drogas. Talvez, a partir dali passei a me sentir, em parte, “sequelado” pela droga. Demorou alguns dias para que eu me recuperasse, sentisse-me “normal”. Porém, o estrago já estava feito. O envolvimento agora tinha um grau de nocividade muito maior. Não demoraria para que afetasse de forma acintosa a minha saúde mental.

Passei a adolescência inteira em uma sucessão de fracassos profissionais e de relacionamentos que eram reflexos da realidade que eu encontrava em meu lar.

Apesar de todas as adversidades, minha mãe era agora operadora de caixa em supermercado. Era quem sustentava a nossa casa. Fabiana, a minha irmã mais velha, cansada das mazelas vividas, foi morar aos quatorze anos com um homem dez anos mais velho. Já Francine, a mais nova, teve sorte pior, envolveu-se com um marginal (bandido mesmo) com o qual teria dois filhos e com quem sofreria violências de diversas ordens por anos até que o mesmo fosse assassinado com quatro tiros de pistola .40mm, ao atender um telefonema em um orelhão próximo à sua residência, localizada na “Pousada da Esperança”, bairro periférico de Bauru. Foi um alívio tê-lo morto. Para meu pai, o destino fora mais cruel. Era ele agora o típico alcoólatra crônico que podemos ver, com frequência, ao andar pelas ruas: desempregado, maltrapilho, sem asseio pessoal, embriagado a todo o momento. Ficava (e isso se prolongou por mais de uma década) na porta do bar a espera de quem lhe pagasse uma pinga. Ou fazia “bicos”, como carpir calçadas e terrenos, junto de seus amigos na mesma situação, em troca de sua droga de escolha: a cachaça. Hoje consigo observar a semelhança e a diversidade de nosso sofrimento.

Nossa casa era agora uma triste lembrança do que fora um dia. Após anos de abandono e degradação, as paredes eram sujas e descoradas. Os móveis que existiam eram quase que todos doados por parentes. Sofás rasgados, portas sem fechaduras, banheiros sem funcionar, geladeira vazia e cheirando mal. Esse era o cenário de um lar tomado pelo adoecimento de seus habitantes. Não bastasse tal destruição, para complementar a renda

para a subsistência, meus pais sublocavam partes que antes compunham nosso lar. A edícula era alugada para famílias que nunca permaneciam por muito tempo. O salão, que um dia fora o bar, teve o mesmo fim.

Um sentimento de revolta, desleixo e incapacidade em reerguer-se frente à tamanha adversidade parecia ter triunfado. Pouco, ou quase nada, restara do convívio familiar. Parentes e os “amigos” da família de outrora (do tempo das “vacas-gordas”) desapareceram. Cada um voltara-se para seu aspecto da doença e pareciam viverem um mundo à parte. Eu ia para casa somente para dormir. Foi nesse ambiente de destruição que vi o meu envolvimento com as drogas degradingolar. Sentia a chegada perto, agora, de um “fundo de poço” existencial que, eu viria a saber depois, faltavam ainda muitos metros a serem cavados.

Quando era mais novo, aos treze ou quatorze anos, mesmo com toda a dificuldade, tinha a ilusão de que quando fizesse dezoito anos tudo seria diferente. Estaria bem, teria um carro com o qual pudesse sair, um trabalho que me desse dinheiro para que eu pudesse viver e curtir tudo que a maioria pudesse proporcionar. Sonhava até mesmo com uma solução mágica que transformaria de uma hora para outra a dureza do real. Como se fazer dezoito anos fosse libertar-me daquela pobre realidade. Teria uma “RD 350” e, com ela, viajaria o mundo com uma “mina” na garupa. Pois bem, os dezoito anos chegaram. Os objetos dos devaneios não. Recordo que quando tive que me apresentar para o serviço militar obrigatório, ainda com dezessete anos, estava eu “tentando a sorte” como vendedor porta a porta dos conhecidos “Purificadores de Água Europa”. Munido da tradicional “pastinha” de vendedor, de cabelos compridos e brinco na orelha, apresentei-me ao Tiro de Guerra. Ao Capitão Valezzi, responsável pela seleção, aleguei ser “arrimo de família”. Colou! Jurei à bandeira e fui dispensado.

Apesar disso, o fato de ser maior de idade trouxe-me novos anseios. Queria que as coisas mudassem. Mesmo porque, além do fato de eu mesmo cobrar-me: - Porra, agora eu sou um homem! Havia também a cobrança de todos os que me cercavam. Tinha agora de dar uma guinada. Senão, passaria o resto da minha vida como um fracassado. O problema era que estava atrasado nos estudos, não tinha alguma experiência profissional relevante e, para piorar, continuava nos mesmos embalos que impediam-me de crescer. Totalmente desregrado, trocando a noite pelo dia, ficava difícil ser aprovado em uma entrevista de emprego.

Mesmo assim, após pouco tempo de procura, consegui o meu primeiro emprego com

carteira assinada. Seria eu agora, por alguns meses somente, vendedor das hoje extintas Lojas Arapuã. Os atrasos e faltas constantes fizeram com que o primeiro registro em carteira de trabalho fosse de apenas vinte e nove dias. E isso se repetiu nas demais tentativas: poceiro (aquele que fura poços), vendedor de sacos de lixo, de jazigos no cemitério do ipê, etc. Nesse tempo, o horizonte havia se estreitado tanto que o que eu sonhava era conseguir um emprego de frentista em um posto de gasolina.

Nada que sirva de acréscimo posso citar sobre os anos que seguiram. A vida do adicto torna-se previsível e monótona. Usa-se pra viver e vive-se pra usar. O único fato relacionado ao uso que penso merecer menção, dado o seu desdobramento no que concerne aos problemas mentais que eu iria enfrentar, ocorreu em meados de 1996. Certa noite do inverno daquele ano, estávamos como de costume perambulando pelo Parque Vista Alegre, que, a partir de agora, irei referir-me apenas pela sigla P.V.A. (abreviatura usada por muitos que ali vivem ou frequentam), quando ao passar em frente a um terreno na rua principal do bairro, a Alameda Cônego Aníbal de Francia, nos deparamos com um pé de lírios brancos. Sabíamos, pois assim ouvíamos nas conversas sobre drogas, que, assim como o cogumelo, tal planta se ingerida na forma de chá, tinha poderes alucinógenos. Fizemos uma rápida “conferência” entre os presentes e decidimos que faríamos o tal chá.

Apressamo-nos então em arrancar as flores, conhecidas como “trombetas”, levando-as até a casa do Betão, que era um dos que compunham o grupo. Betão morava sozinho em uma casa que ficava em um morro às margens do Rio Bauru, na Vila Santa Luzia. Lá poderíamos beber o chá e “curtir” o efeito sem que fossemos incomodados. E assim fizemos, colhemos trinta e três flores (vim a saber desse número durante o preparo da bebida e achei-o icônico) e saímos em disparada rumo ao desconhecido.

Ao chegar à casa fumamos maconha enquanto preparávamos a imersão. Tudo feito de forma empírica. Éramos eu, Betão, Crec (irmão daquele), André “Burguês”, Foguinho, Dú, Ted, Hudson e Lincoln. Fiquei encarregado do preparado. Piquei todas as flores com seus respectivos talos e coloquei-as dentro de uma leiteira grande que foi completa com água. Fervi os ingredientes até que o chá adquirisse um verde intenso. Afinal de contas, mesmo que não tivéssemos a mínima ideia dos perigos e efeitos colaterais da ingestão do nosso experimento, todos queriam o máximo dos seus efeitos.

Mal havia esfriado o chá e decidimos bebê-lo. Na hora, alguns “deram pra trás” e então somente eu e mais três dos presentes seguimos em nossa decisão. Sentado no sofá da casa, depois de ingerir um copo cheio, reclamei: -Essa porra não faz nada! Não to vendo merda

nenhuma! Dá mais um pouco aí pra eu ver se “faz a cabeça”! Alguns minutos depois... – Ah, que comédia! A única coisa que vejo é o batente da porta que parece que está envergando! Nossa, maluco! Você viu isso? A corrente da porta foi embora... Já estava eu sob os efeitos que alucinógenos que iriam perdurar por alguns dias (e que pode ter causado danos que desencadeariam em um futuro próximo um surto psicótico). Não tinha mais noção dos demais presentes, entrei em uma viagem sem precedentes. Senti que o chão havia ruído e que as paredes da casa estavam a se dissolver. De repente, o ferro de passar roupas pendurado em um suporte na parede estava animado e ria de mim enquanto chicoteava freneticamente o seu fio de energia que se convertera na cauda de um felino bravo. Em outra alucinação, ao abrir a geladeira, pude ver um lindo pasto como que em uma fazenda. Com vontade de urinar, não titubei em descarregar a bexiga naquela vastidão que a mim se apresentava. Havia papagaios e macacos que comigo falavam nas árvores em frente à cozinha. Não demorou e o dia amanheceu. Os efeitos permaneceram.

Quando vi estava no centro da cidade, no calçadão da Rua Batista de Carvalho. Até então, pensava estar acompanhado. Foi aí que comecei a entender que muito do que via e ouvia não passava de alucinação. Pessoas com quem eu conversava desmaterializavam-se, ou tornavam a aparecer do nada. Estava sentado em um banco do calçadão acompanhado dos amigos da noite anterior quando, subitamente, todos desapareceram e me dei conta de que na verdade estava eu ali sozinho por um bom tempo. Nesse ponto, a alucinação passou a causar medo, pois dela tinha ciência. Só não sabia o quanto aquilo iria durar e até mesmo se aquilo em algum momento iria passar.

Quis voltar para casa, ou ao menos sair do centro. Entrei em um ônibus rumo ao P.V.A. na esperança de encontrar os que junto a mim haviam entrado nesse enredo de terror psicodélico. No cruzamento da Avenida Doutor Nuno de Assis com a Rua Araújo Leite saltei do ônibus em movimento, sem nenhum motivo aparente. Na verdade, assustei-me novamente com o repentino desaparecimento de um amigo com quem falava. Segui a pé.

O relógio digital trazido da minha viagem a São Paulo era agora uma espécie de televisão fora do ar. Não podia ler. Os olhos ardiam se o tentasse. Tanto fazia um *outdoor* ou uma bula de remédios: a alucinação havia criado um bloqueio que me impedia de decifrar qualquer signo. Desesperado, fui em busca de um amigo. No caminho de sua casa encontrei com sua mãe, por muitas vezes, no caminho. Sempre a saudava. Isso se repetiu por várias vezes. Quando, enfim, lá cheguei, tive uma nova surpresa: - Bom dia dona Eliana... Ela também estava em sua casa.

Os efeitos do chá de lírio duraram dias. Chorei muito por pensar que tal realidade seria

irreversível. Nessas horas pede-se a Deus, jura-se jamais usar drogas novamente. Balela. Soube depois que todos os que tomaram o tal chá sofreram até que seus efeitos diminuíssem. Hoje penso que os efeitos alucinógenos estenderam-se por muito mais tempo. Há muitos casos de pessoas que não voltaram dessa “viagem” e permanecem em instituições psiquiátricas por toda a vida. Para mim, foi uma experiência da qual não me lembro com prazer. Desde então, não quis mais fazer uso de alucinógenos. Ao menos de forma consciente. Voltei a experimentar efeitos semelhantes uns poucos anos depois, mas aí em outras circunstâncias: já não gozava plenamente de minhas faculdades mentais.

No final de 1997, prestei um concurso para a Secretaria da Saúde de Bauru. Fui chamado no início de 1998 para um contrato de seis meses prorrogável para um ano. Eu era agente controlador de vetores. Trabalhava no combate ao mosquito da dengue. Entrava às sete da manhã e saía à uma da tarde. Se chovesse, não trabalhava. Para quem estava acostumado com muito pouco, o salário recebido junto ao *status* de funcionário público (dou risada ao pensar que isso realmente tenha fundamento) possibilitaram-me viver situações que até aí não experimentara. Agora podia comprar a prazo e ter conta nos “botecos”. Foi assim que comprei meu primeiro aparelho de som, algumas roupas melhores e passei a ter certos hábitos e “amigos” que antes não tinha.

No mundo das drogas, quando se tem dinheiro, não precisa ser muito, você passa a gozar de um pseudo prestígio entre os usuários. Na realidade, assim como na maioria das relações humanas que são quase sempre movidas por algum tipo de interesse, você passa a ser visto como alguém que pode proporcionar o uso. Dessa forma, os interessados passam a querer sua companhia. As “presenças” passam a ser constantes porque sabem que tais supostas “generosidades” serão recompensadas. É aí, então, que se pode entrar em um ciclo contínuo de destruição. Com dinheiro no bolso ou não, sai-se de casa na certeza de ficar “chapado”.

Não é meu intuito aqui mostrar uma visão maniqueísta do uso de drogas. É claro que houve muita diversão, muitas risadas, enfim, momentos dos quais jamais esquecerei e que compõem a minha trajetória de vida. Houve rodas de violão, acampamentos, viagens e até mesmo fiz parte de algumas bandas de *rock n’ roll* das quais fui vocalista. Paixões, desamores, um pouco de tudo do o que pode compor a existência na juventude. Falo do meu caminho, daqueles com quem cruzei e para onde as consequências que determinadas escolhas ou a falta destas podem levar. Isso fica claro quando tento fazer um saldo de toda essa “loucura” e percebo quanto desse flagelo poderia ter sido evitado. Ou não.

Foi nesse mesmo ano que um nosso amigo de turma, o “Mê”, abreviatura de Emerson, abriu um bar na Vila Cardia ao lado da Igreja São Sebastião. Para aqueles que não conhecem a cidade, o bairro fica muito próximo ao centro, onde hoje foi construído o mais novo *shopping center* da cidade. Era o “Bar do Mê”. Filho caçula de uma família de classe média, ele era conhecido em nosso meio como um fornecedor de maconha principalmente, mas que tinha os contatos certos para o que fosse. Era dele o “canal” de Duartina que mencionei parágrafos atrás. Dava a impressão de traficar por diversão.

Não posso esquecer o dia em que estávamos em uma “banca” (turma, rapaziada, galera, etc.), no Skol Rock realizado na área onde hoje funciona o Restaurante Universitário do Câmpus da UNESP de Bauru. Além das bandas iniciantes que concorriam no festival, apresentaram-se ali O Rappa e Os Paralamas do Sucesso. Além do sorteio de uma guitarra customizada oferecida pelo patrocinador do evento. Dos que me lembro, estava o Mike, o Mê, o Robert, o Ulisses, o Ziba, o Tote, Adrianinho, Naldinho, entre outros. Passei a primeira metade do festival deitado em um cobertor por não conseguir parar em pé, tamanha era a rebordosa por ter passado a noite toda fumando Crack em um “mocó” (nesse contexto, local, geralmente um barraco, utilizado para o consumo de drogas) gerenciado por “Bel”, mãe de Mike acima citado. Existe um motivo para a os nomes mencionados, mas para que haja significação, será necessário seguir a leitura.

Logo me recuperei. Pois bem, o clima do show estava “*rock n’roll*” (estado de espírito) como era esperado. Clima *legalize* total. Bebíamos e fumávamos baseados enormes concedidos pelos vários “patrões” que conosco estavam. Depois da apresentação do Rappa, que estava então no auge, houve o sorteio da guitarra. Quem encerraria seria o Paralamas. Quando o “cara” (apresentador) anuncia o número vencedor do sorteio, quem ergue a mão do meio da roda? O Mê! Ele tinha ganhado a promoção! Inacreditável! No meio de algumas dezenas de milhares de pessoas (posso estar exagerando) o ganhador estava em nosso meio. Imediatamente levantamo-lo por sobre os nossos ombros e o mesmo foi conduzido até o palco por sobre a multidão. Do caralho.

O “Bar do Mê” era um “Oasis” no meio da urbe. Tinha bilhar, Samurai Shodown, cerveja barata e uma incrível dose de uísque, vagabundo é claro, vendida a R\$2,00. Sempre “rolava” um churrasco e a maconha nunca faltava. Para se ter ideia, fumávamos mesclado (mistura de maconha e crack) em um cachimbo convencional. Era pra lá que eu ia todos os dias ao sair do trabalho, que se encerrava às 13h00. Tal fartura e variedade não me fizeram bem.

Foi por esse tempo que comecei a perceber, às vezes, que talvez eu já não estivesse bem mentalmente. Acredito que tenha sido um processo, mas foi daí em diante que passei a suspeitar que eu pudesse estar louco.

A *loucura*, ou insânia, é a condição da mente humana caracterizada por pensamentos considerados anormais pela sociedade. Há muito tempo certas atitudes por mim tomadas tinham essa conotação. Por muito já era então conhecido pela alcunha de “Fernandão Louco”. Sempre julguei pejorativo. Porém, minhas atitudes levavam a isso. Era só o começo.

Pouco depois do início do emprego na Secretaria da Saúde, comprei um fusca branco ano setenta e três “caindo aos pedaços”. Um inquilino ficara devendo três meses de aluguel para os meus pais e não teria como pagar. Trezentos Reais. Comprei, então, o seu carro usando a dívida como parte do pagamento. Assim adquiri meu primeiro carro. Sem freios ou documentos, o qual usava vez ou outra para loucuras motorizadas.

Acordei. Uma ressaca muito forte. Tinha sido um daqueles porres dos quais não podia lembrar nada do que acontecera. Isso era frequente. Já à tarde levantei. Quando saí à garagem para ver o carro tive uma surpresa. Pensei, “fui roubado”. Saí, então, e contei a notícia a todos. No bar do Mê fui informado que lá tinha ficado até o início da noite e que depois fui aconselhado a ir embora. Não sabia mais de nada. Os dias passaram e a rotina continuou a mesma: ia embora trôpego tarde da noite após os “roles” e a maratona etílica no bar com os amigos. Em uma dessas noites, no caminho de casa, passei em frente a um consultório em uma rua nas proximidades do Mê. Qual foi a minha surpresa ao olhar no estacionamento do tal estabelecimento? O meu carro estava lá, abandonado. Daí, sim, poucos “*flashes*” do acontecido vieram à tona. Sem um motivo do qual eu possa recordar, eu simplesmente abandonara o carro e seguira pra casa a pé.

Assim seguia a vida. O meu trabalho não tinha exigências intelectuais e o restante do tempo era dedicado à “loucura”. Agora meus amigos mais próximos eram o Ulisses e o Ralf. O primeiro, filho de uma família que dispunha de boa formação, conhecedor de música e literatura. Foi quem me apresentou Ibsen e Baudelaire, entre outros que não me vêm à mente. Mais novo do que eu alguns anos. Seu gosto por música, o fato de tocar violão, sua precocidade intelectual nos aproximaram. Já o segundo, Ralf, tinha uma formação marginal. Órfão de mãe, usuário contumaz, mesmo franzino, já tinha sido até mesmo cafetão no

centro da cidade. Compunha músicas e, por tocar violão, foi fácil fazer amizade com um louco que já há tempos metia-se a vocalista de rock. Nesse caso, eu. Ambos tinham certa atitude *Hippie*. Onde quer que fossemos levávamos o violão e cantávamos. Raul Seixas era o carro-chefe, mas também versávamos Black Sabbath, Deep Purple, Kiss, Legião Urbana, entre outros. Tínhamos até algumas composições, tais como: “Morte àquele que impede o caminho de um sonhador”, “O Povo Gosta de Bosta”, etc. Ulisses era um estudioso do violão, enquanto Ralf tinha um talento inato. Ambos demonstravam aptidão para as cordas. Eu, por ser uma negação enquanto instrumentista, valia-me da voz que faltava a ambos. Foram muitas noitadas sem um “puto” no bolso, bebendo e fumando “na faixa” onde quer que chegássemos. Bastava sacar o violão, cantar algumas músicas e as cervejas e os baseados surgiam como por mágica.

Tomei gosto por esse modo *hippie* de ser. Foi então que um companheiro do trabalho contou uma experiência que despertou em mim um desejo imediato de também poder vivê-la. Disse que há alguns anos tinha ido morar na Ilha do Mel (litoral paranaense), que morou em uma barraca isolada de tudo. Que sobrevivia da pesca, da coleta de ostras e mexilhões, além de pequenos trabalhos ou artesanatos. Eu já tinha escutado alguns relatos de outros “camaradas” que lá antes estiveram, do clima *roots*, primitivo mesmo. No entanto, o que eu ouvia agora era um relato repleto de pormenores que, ao perceber o meu interesse, fez com que esse meu colega de trabalho alimentasse dia após dia o meu imaginário com as mais idílicas cenas. Logo recebi de suas mãos um “mapa”, feito naquela mesma hora em um guardanapo de forma muito rústica, para não dizer infantil. Nele constava um esboço do que seria a Ilha do Mel, seus principais lugarejos (Encantadas e Brasília) e a localização da Praia do Miguel onde se localizava a suposta cabana.

O assunto “Ilha do Mel” passou a ganhar cada vez maior importância nas conversas entre eu e meus amigos, principalmente o Ralf. Devaneávamos em como seria viver às margens de uma sociedade capitalista, subsistindo apenas do próprio trabalho, necessário apenas para satisfazer as necessidades mais primárias. Viveríamos isolados nesse suposto paraíso tropical, onde, nas horas vagas, tocaríamos violão debaixo das palmeiras sob um por do sol refrescados pela brisa do mar. Sob as bênçãos de Jah, fumaríamos baseados enormes sem qualquer preocupação. Uma utopia pueril que escondia um escapismo psicótico.

Fiquei totalmente tomado pela ideia. Onde quer que eu estivesse, o pensamento era fixo. Ralf, de imediato, comprou-a também e, agora, era quem mais alimentava o plano por mim desenhado. Tomei uma decisão. Em novembro o meu contrato com a Prefeitura se

encerraria. Tinha a opção de renová-lo, mas não o faria. Receberia o “acerto”. Seria esse o momento de colocar o “sonho” em prática. Daí em diante, começamos a preparação daquela que seria uma “viagem sem volta”.

Os preparativos para a viagem seguiam características de uma expedição, pensávamos em tudo o que pudéssemos precisar para a vida no isolamento. Ralf decidira quem também iria. Como ele tinha nenhum dinheiro, afirmou que antes da partida providenciaria o suficiente para o deslocamento e sua alimentação. Fato esse que nunca chegou a acontecer. Vivemos durante meses uma espécie de despedida da sociedade. Como não mais viveríamos sob suas normas e imposições, intensificamos um progressivo “descolamento” da realidade. Isso incluía não mais cortar os cabelos ou a barba, assim como não se importar com a reação dos demais frente a nossas esquisitices.

Assemelhávamo-nos a esses andarilhos que comumente encontramos na rua. Até mesmo o “pano” (mostruário no qual os ditos *hippies* expõem a sua “arte”) carregávamos pra onde fossemos para expor um sem número de pulseiras, brincos e “maricas” (objeto usado para fumar maconha) de gosto duvidoso. Uma cena que hoje, ao me lembrar, faz-me ter certeza de já naquele tempo vivia eu um surto psicótico (e que meses depois foi atestado) ocorreu no dia em que fui até a hoje extinta agência da Caixa Econômica Federal, localizada na Rua Agenor Meira, no centro de Bauru, para sacar o FGTS já às vésperas da viagem. Como a agência estava bastante cheia, com suas filas usuais, não tivemos constrangimento: sentamos encostados em um pilar localizado no interior do prédio e pusemo-nos a cantar e tocar violão como se aquele fosse o local mais apropriado. Sem dúvida, a loucura é um estado de liberdade exacerbada.

Era novembro, como o planejado, optei por não renovar o meu contrato de trabalho. Imagino o alívio das pessoas às quais eu era subordinado. A essa altura, a quantidade de “suprimentos”, ou melhor dizendo, quinquilharias por nós amealhadas era enorme. Tomava todo o espaço do meu quarto. Incluía barraca, lampião, fogareiro, um enorme baú ganhado de alguém tão louco quanto nós e que queria contribuir para nossa aventura, material para artesanato, itens de pesca, alimentos não perecíveis, etc. Tanto que, na data da partida, tivemos de pedir ajuda para dois amigos que tinham carro para que nos levasse à rodoviária e nos auxiliasse no embarque.

Fizemos a despedida no Bar do Mê. Alguns não acreditavam em nosso destino, possivelmente supunham um desastroso provável final. Outros, providos de siso, julgavam engraçada tal descabida decisão. Muitos foram os que tentaram dissuadir-me. Em vão. Na

segunda quinzena do mês, zarpávamos eu meu grande “amigo” rumo à almejada odisseia. Para se chegar à Ilha do Mel era preciso pegar um ônibus até Curitiba, lá faríamos uma baldeação para outra viação que nos levaria até a cidade de Pontal do Sul, para, só então, pegarmos a barca que nos despediria do continente. Ao chegar à capital paranaense, guardamos todos os nossos pertences em uma saleta da companhia de ônibus que nos levaria a Pontal do Sul e fomos fazer um passeio nas proximidades da rodoviária, que fica na área central da cidade. Estava eu muito feliz. Ralf assim também aparentava estar. Fumamos um baseado e fomos então à procura de uma tabacaria na qual pudéssemos comprar tabaco para nossos cachimbos. Era essencial para a realização da composição estética do imaginário que a travessia rumo ao desconhecido fosse feita sob o aroma de generosas e fumegantes pitadas. Comprei então, uma boa quantidade de tabaco de duas qualidades, seria o suficiente para se fumar por meses. Chegando o horário, embarcamos rumo à derradeira parada antes do tão esperado destino.

A ILHA

Uma tarde ensolarada. Do trapiche de pontal não é possível vislumbrar a ilha. Colocadas as bagagens no compartimento de carga da embarcação, inicia-se a travessia de aproximadamente vinte minutos. Acomodei-me na proa de cachimbo em punho. A brisa fresca trazia o cheiro do mar. Tudo exatamente como o imaginado. Sentia como se estivesse dentro de um filme. Quase que na totalidade do percurso permaneci em silêncio em estado de contemplação. Agora já podia vê-la ao longe. A baía da Praia Encantadas. À sua direita a Ilha da Galheta, separadas pelo canal do Porto de Paranaguá.

No momento em que nos preparávamos para desembarcar, fomos abordados por alguém que perguntava se já tínhamos hospedagem. Disse que possuía um *camping* na ponta de Encantadas e que poderia cobrar um bom preço, caso fechássemos por uma semana. Nesse ponto, é preciso deixar clara uma questão: desde sempre eu era o único que dispunha de dinheiro. Chegada à data da viagem, Ralf alegou que não conseguira arrumar nada, disse que através da confecção de artesanatos e pequenos trabalhos poderia arranjar algum dinheiro assim que chegássemos. Se estivesse eu em um nível de consciência próximo do aceitável, teria há longa data percebido que, desde que nos tornamos próximos, era eu quem sempre bancava os nossos “corres” (gíria que designa *rolês* que necessitam de

dinheiro para serem realizados. Acredito que *rolê* não precise de explicação). Mesmo assim, julguei que não seria justo deixá-lo pra trás depois de tantos planos que fizéramos. Por isso, trouxe-o apesar do nenhum vintém que carregava consigo. Aceitamos o convite do nativo e a ele, que nos ajudava com as bagagens, seguimos para a sua propriedade.

O *camping* era na realidade o quintal de um terreno em que existia um casebre no qual viviam Clodoaldo e seus dois irmãos. A infraestrutura era precária, o último lugar que alguém com algum tino escolheria, tanto que éramos os únicos hóspedes do lugar. Porém, como o planejado, seria encontrarmos a cabana existente no mapa para lá então nos fixarmos. Acabamos por fixar nossa barraca no pardieiro do nosso recém-encontrado amigo.

No mesmo dia, conhecemos outro nativo que se dispôs a guiar-nos em um primeiro reconhecimento. A ilha não era o paraíso da contracultura descrito por meu colega de trabalho. Obras pululavam por toda a Baía de Encantadas. Viviam um deslumbre com a chegada de novas tecnologias. A partir daquele ano, a energia elétrica passara a ser fornecida ininterruptamente, antes, seu fornecimento restringia-se das seis da manhã às dez da noite. O cabo que trazia sinal telefônico do continente estava prestes a ser concluído e todos se preparavam para a chegada do advento do Padre Landel de Moura. Ainda assim, acreditei que talvez nos locais mais afastados pudéssemos ainda viver, ao máximo possível, apartados do capitalismo. Hoje percebo o quão tosco e juvenil fora tal devaneio. Seguimos nosso guia e sutilmente sugerimos que nos levasse a tal Praia do Miguel. Não queríamos que soubessem que pretendíamos fazer morada na hipotética cabana lá existente. Mostrou-nos os principais pontos turísticos durante um passeio que se estendeu até o anoitecer: o Mar de Fora, A Gruta, o Morro do Caneco, O Caminho do Belo onde existem bromélias de mais de três metros de altura e uma espécie de labirinto natural, O Morro da Nhá Pina, além de nos informar que poderia nos arranjar maconha caso precisássemos. Essa era uma informação de grande relevância. Levamos cerca de cem gramas. Não demoraria e precisaríamos de mais.

De fato, existia uma cabana na Praia do Miguel. Sua localização era isolada. Não tinha janela ou porta. Era uma choça no meio da mata infestada de insetos e morcegos não descritos no mirabolante projeto de viver apartado da sociedade. A verdade é que, em seu cerne, tal viagem não passou de um delírio de uma mente já doente corroborado pelo modo de vida igualmente insano daquele que o acompanhava. Não sabíamos pescar e tampouco dispúnhamos de ferramentas. Mais alguns dias e o intento de para lá se mudar

perdia a força, assim como a presumida amizade que fizera com que fossemos tão longe. Escondi o dinheiro que tinha levado sob o forro da barraca onde dormíamos. Economizava usando-o apenas para comprar a comida que nós mesmos cozinávamos e alguma bebida. Passávamos os dias perambulando pelas praias da região a conhecer novos lugares. Ao entardecer, com a baixa da maré que faz a faixa de areia da praia se estender, jogávamos futebol junto aos nativos e turistas. As noites sempre tinham movimentação nos bares e “luais” promovidos nos vários acampamentos e pousadas. Conhecemos muita gente, inclusive “Gui”, um mestre de capoeira que tinha uma casa que chamava de ateliê, no centro da ilha. Contamos a ele que havíamos trazido bastante material para a produção de artesanato: durepóxi, arames, pedras miçangas. Este se mostrou muito interessado e disse que poderíamos usar o seu espaço para trabalhar na composição das peças. Conosco havia também dois violões, um meu de cordas de aço (comprado antes da viagem) e outro do Ralf. Os instrumentos ajudavam para que fossemos bem-vindos aonde chegássemos.

Na semana seguinte, ao acordar, tive uma ingrata surpresa. Ralf havia sumido e junto com ele levado todo o material de trabalho, o meu violão e, é claro, todo o dinheiro. O desespero e o ódio então tomaram conta de mim e o resto de sanidade que ainda restava subitamente evaporou. Foi custoso encontrá-lo para que desse alguma satisfação. Descobri, então, por meio dos caiçaras, que o mesmo havia se “aliado” a Gui e, caso eu o procurasse, ambos matar-me-iam. Só a lembrança ainda faz hoje com que meus dentes ranjam.

Sem dinheiro para comer e de sobreaviso por parte do dono *camping*, para que de lá tirasse meus pertences, iniciei a minha busca por sobrevivência. A partir daí, passei a conhecer melhor a índole de boa parte das pessoas que conheci naquele lugar. O primeiro lugar no qual busquei trabalho para ali subsistir foi em um restaurante que funcionava em uma casa entre a Praia de Encantadas e o Mar de Fora. Quem me atendeu foi uma senhora caiçara bastante velha de pequena estatura que disse que, caso eu quisesse, poderia cavar uma valeta para que o fio do telefone fosse levado do pé do poste até dentro de sua residência. Ela dispunha de pá e cortadeira. Isso era na parte da manhã. Pagaria quinze Reais pelo serviço. Aceitei de pronto e sem titubear iniciei a escavação. O solo do lugar era duríssimo. A duras penas avançava poucos centímetros. No entanto, não havia escolha e continuei a empreitada. Na hora do almoço, a simpática senhora perguntou se eu tinha fome. Acedi positivamente, quase que em desespero. A imagem do prato por ela oferecido até hoje está guardada: arroz, peixe e tomate acompanhados de um jarro d’água. Exasperadamente comi, nunca antes com tamanha satisfação.

A tarefa seguiu por toda a tarde e já era noite quando me sentei no alpendre da casa daquela longeva proprietária a espera de meu soldo. Tamanho foi o susto quando a mesma apareceu na porta de entrada tendo três de seus fortes filhos de aparência indígena atrás de si. “O que você ainda quer aqui?” “Senhora, receber por meu trabalho.” “Você não disse que estava com fome? Não lhe dei comida? Pois então, é melhor que vá embora!” Nisso, seus filhos com um semblante nada amigável lentamente passaram a vir em minha direção. Entendi o recado. Parti sem olhar para trás. As lágrimas corriam-me o rosto. Os piores sentimentos, ódio, mágoa, consternação eram ali experienciados. A ganância deforma o caráter. O capitalismo se mostra mais selvagem quando mimetizado por aqueles dos quais não se espera tal absorção. Aquele povo de aparência e hábitos aparentemente simples e pacato, como ainda iria ser por mim comprovado por diversas vezes, era capaz de se mostrar cruel e ardiloso quando na posição de dominador. Nesse dia, dei mais um passo rumo à loucura.

Dormia na praia. Consegui por um tempo ainda poder guardar meus pertences e, vez ou outra, tomar banho onde havia me hospedado. Consegui daí um bico junto ao dono de um restaurante à beira-mar. Ajudava-o a arrumar as mesas, lavar copos, a varrer. Dias depois, em troca, consegui alimentação e um lugar para dormir. Nas horas vagas, que eram a maioria, criei o hábito de correr pelas pedras e praias. Fazia isso todos os dias de forma temerária. Corria para fazer com que toda a raiva, a desilusão sentida, a solidão, pudesse de algum modo ser expurgada através da extenuação física. O desprendimento em um louco é exacerbado. Nadava todos os dias para fora da arrebentação. Até pelos surfistas locais era visto como louco, e o que se seguiu, deixou tal pecha evidente.

Carlos, o dono do restaurante, era um homossexual já velho que gostava de drogar-se. Tinha sempre cocaína. Depois do expediente costumava chamar os funcionários para beber e usar na sua casa. Numa dessas ocasiões “apresentou” algo que até então não tinha experimentado: LSD e anfetaminas. Havia um hóspede na casa de Carlos que trouxera as Drogas. Usei em grande quantidade e seu efeito foi devastador. Alucinações e palpitações que perduraram por dias. Embrenhei-me na mata, na qual andava sem localização. Via bichos e cobras, dos quais não sabia quais eram reais, quais frutos da imaginação. Grudado em uma pedra, vi o firmamento girar, fazendo com que me agarrasse para não cair. Ao ver um barco estacionado ao longe na baía, nadei até ele, subi pelas cordas e só fui acordado por sua tripulação atônita quando o dia amanheceu. Sabiam que eu não era ladrão, minha fama de maluco já se espalhava pela ilha. Quando aparentemente voltei da “viagem”, estava

de novo sem ocupação e nem onde morar.

Comovido com minha situação, Mauro, um “local” com o qual fiz amizade (esse sim, “gente boa”), dono do “Camping Costa Brava”, do lado oposto de Encantadas, cedeu um lugar em seu terreno para que eu pusesse minha barraca, que se resumia na armação e uma lona rasgada que a cobria. Permitiu também que eu tomasse banho na ducha externa de seu *camping*. Restou da barraca somente a lona que a cobre, meus pertences tinham quase todos sido perdidos. Passei a trabalhar na carga e descarga de material de construção na ilha. Serviço dos mais pesados que já enfrentei. O material é transportado nas “chatas” (espécie de balsa de carga), tudo vem ensacado. Ancorada a cerca de cem metros da praia, o material é posto nos ombros dos carregadores (que nesse momento têm a água no nível do peito) que o leva até a areia, onde é posto em outro carro manual para ser transportado até o interior da ilha. Não circulam carros ou motos na Ilha do Mel. Assim, no fim de tarde, terminado o carregamento, recebia o que para os padrões locais era uma boa quantia: trinta Reais. Extenuado, porém feliz, ia até a venda: arroz, “um maço de Oscar, uma garrafa de pinga e um refrigerante de abacaxi, por favor”. Retirava-me então para um lugar calmo onde pudesse saciar a fome, beber e relaxar depois de um dia de trabalho árduo. Já sabia retirar mexilhões das pedras. Ao menos, a paisagem era fantástica. O por do sol fazia o mar prata. A brisa fresca e o barulho da maré convertiam certos momentos em fugazes atos de profunda paz e introspecção. A ilha, como o propalado por seus habitantes, tem sua magia. Deve ser por isso que, mesmo na adversidade, não cogitava de lá sair.

Recebi uma oferta de trabalho. Em um local que era de um vereador da cidade de Paranaguá, também chamado Carlos. Ele era dono de um *camping* na ponta de Encantadas. Sua propriedade terminava à beira do canal, cortado por gigantes navios de carga, de onde se avistava a ilha vizinha, a Galheta. Sua proposta era que eu zelasse pelo terreno, cortasse a grama e, nas horas vagas, ajudasse a descarregar mercadorias para o seu restaurante no “mar de fora”. Teria comida e quinze Reais por dia para a manutenção das despesas.

Minha nova morada era incrível. Desprovida de qualquer luxo e, entretanto, cinematográfica. Uma espécie de guarita de aproximados dez metros quadrados erguida no cume da propriedade com imensas janelas de vidro em suas quatro faces. Dentro, só uma cama com um colchão velho. À noite, deitado, era possível ver à direita toda a baía pontuada de pontos luminosos, que eram as embarcações que lá atracavam. À direita, um espetáculo único ali possível. Os navios, ao entrarem no canal, passavam muitíssimo perto da guarita, a ponto de se poder ver seus tripulantes através das janelas. Petroleiros, transatlânticos, navios de carga e pesca por ali atravessavam iluminados por toda a noite em

direção ao porto ou ao dele se despedirem.

Conhecia a ilha já quase que em toda a sua extensão. Ao baixar da maré corria por sobre as pedras diariamente. Estava magro, porém forte. Pele escura, os cabelos amarelos. Assemelhava-me a um nativo. Alternava estados de humor. A lembrança de que, pelo fato de ter sido enganado, ficara eu desprovido de tudo com o que ali havia chegado, fazia com que, por vezes, fosse tomado por uma fúria descontrolada. Era quando, então, eu corria sem destino como que empreendendo fuga daquilo que me atormentava. Foi em um desses episódios que vi a morte de muito perto. Desesperado, fora de mim, corri sem destino pela praia até chegar ao pé do Nhá Pina, em sua face defronte ao oceano. Um imenso paredão de pedra onde, no seu topo, são praticados saltos de parapente e asa delta. Lá existe uma pequenina capela também de pedra e um cruzeiro de madeira. Pois bem, tomado de uma coragem temerária, agarrei nas pedras e iniciei uma escalada, a qual, até então, desconhecia o propósito. Ventava muito. Depois de alguns metros, iniciada a subida, percebi que já era impossível descer. O medo da morte tomou-me conta. Restava-me apenas continuar a escalada. Apenas de *shorts*, sem camisa e com os pés calcados por tênis tateava a rocha cômico de que não poderia errar. Então, na segunda metade da abrupta encosta, já fatigado, o vento se intensificou. Imóvel, grudei com todas as forças e rezei pedindo para que não morresse. Ouvi, então, um barulho muito forte que vinha das minhas costas. Ao olhar para trás, um helicóptero camuflado tripulado por homens de farda da mesma estampa, e equipados com capacetes azuis de viseiras espelhadas, observava-me de muito perto e acenava para que de lá eu saísse. Alvorçadamente acenaram e, talvez, ao perceberem que pouco ali poderiam fazer, desistiram de qualquer que fosse a intenção ao se aproximarem. A aeronave então, de forma acentuada, convergiu para o lado oposto, bateu em retirada e, com o canto dos olhos, pude vê-la desaparecer na imensidão azul do céu. Precisava continuar. Imbuído da mais pura vontade de viver tomei coragem e continuei. Nos últimos metros era possível encontrar vegetação. Próximo ao cume, de inclinação um pouco menos acentuada, o solo era coberto por uma espécie de capim amarelo. Apoderei-me das findas forças que a mim restavam e disparei agarrado à relva, num ímpeto rumo à vida. Venci. Gritei um brado saído do âmago. Potente, tradutor de algo indizível. Do alto, é possível ver toda a ilha. Entardecia. Observava atônito ao meu redor. O silêncio, a capelinha, o cruzeiro, o Atlântico sem fim. Olhei para alto e vi um urubu que se aproximava a planar ao sabor do vento. Pousou em minha frente e ali ficou a olhar-me fixamente. Penso que observava a refeição que não teria.

Alguns meses se passaram e minha permanência na ilha caminhava para o insustentável. Muitos ali não aprovavam minha presença. Perguntavam o que eu ali fazia. Se eu tinha família. Já haviam tentado me tirar dali. Sob o pretexto de um trabalho em Paranaguá, fui levado de barco até o continente e lá deixado. Ao anoitecer, pedi comida para um garçom de um restaurante do porto (que me deu um marmitex com salada, arroz, feijão, bife, batata frita e ainda meia garrafa de coca-cola. Inesquecível) e, saciada minha fome, encontrei uma caixa de geladeira na qual pude dormir, debaixo de uma marquise. No dia seguinte pela manhã, estava eu novamente a caminho da ilha. Sem dinheiro algum, entrei no ônibus para Pontal do Sul e, de lá, novamente fiz a travessia para ilha.

Recuperara meu violão. Alguns conhecidos na ilha que conheciam a história reouberaram-no e devolveram-no no posto da polícia lá existente. Fiquei com o instrumento por poucas horas. Em um acesso de tristeza e fúria, com as lembranças da traição trazidas à tona, fugi para um local ermo e, de cima de um rochedo, atirei o violão ao mar. Dias depois ele foi achado, mas daí, então, já não me pertencia.

Tais comportamentos violentos passaram a ser constantes. O fato de meu “patrão” nunca ter-me pago um único centavo incomodava-me. Passei a cobrá-lo. Sempre dava uma desculpa e mantinha-me em uma espécie de trabalho escravo, em troca de parques mantimentos, alojamento e alguma maconha. Não pude mais suportar. Fui até seu restaurante e disse que queria comer. Que pagasse o que me devia. Óbvio. Não fui atendido em nenhuma das reivindicações. Junto de outros dos seus, exigiu que eu dali me retirasse. E assim, humilhado, o fiz.

Nesses dias, estava na ilha Ulisses com sua família, que costumava lá passar as férias. Enquanto lá estive, Mê também lá estivera, porém, nosso contato não passou de um cumprimento. Já “Ulissinho” conviveu comigo quando lá estive. Percebeu que eu não estava bem. Que parecia transtornado. Sem saber do ocorrido no restaurante, horas antes, estava comigo sentado em uma espécie de quiosque próximo da guarita onde eu dormia. Era uma tarde quente e “viajávamos” a desenhar em uma madeira depois de fumar um baseado. Fomos surpreendidos por um grupo de homens que vinha em nossa direção. Era a Polícia Civil. Queriam a mim. Carlos havia feito uma queixa e eles ali estavam para me deportar. Enquanto uns, sem nada dizer, juntavam o que seriam meus pertences (na verdade, na mala pouco tinha que se pudesse aproveitar, da barraca só restara a armação), outros me algemaram e conduziram-se, sob resistência, até o posto policial da ilha. Sentado em um banco do lado externo, com os pulsos já machucados pelas algemas que, em vão, eu

tentava tirar, fui comunicado que teria de ir embora. Advertiram-me que arrepender-me-ia caso voltasse. Estava ali até que chegasse o horário da próxima travessia para Pontal do Sul. Sentia-me um animal selvagem em exposição. Todos passavam a observar. Alguns faziam comentários jocosos. Pouco antes do embarque, Carlos, o denunciante, explorador, aproximou-se de mim e disse “tome, aqui tem sete Reais, dá pra você comprar um suco e comer um lanche”, e enfiou o dinheiro no bolso do meu *shorts* (que na verdade era uma cueca samba-canção quadriculada). Deram também um bilhete marcado para o dia seguinte para que, de ônibus, eu chegasse até Curitiba. Banido. A embarcação atracou no trapiche. Dois policiais seguraram-me pelo braço conduzindo-me pelo cais em direção ao barco. Resisti. Levei ambos ao chão. Não teve jeito. Depois de alguns socos, estava eu algemado ao cano da caixa de descarga no banheiro do pequeno navio. Não queria partir. Da pequena janela via lentamente a ilha ficar para trás. No rosto, lágrimas de um pranto taciturno.

O FUNDO DO POÇO

O ônibus que me levaria para a capital paranaense só sairia na manhã seguinte. Nesse ínterim, depois de meses sem nenhum contato, liguei para familiares. Próximo dos anos dois mil era ainda incipiente a popularização da telefonia celular. Como não tínhamos telefone em casa, liguei para os meus tios e pedi que avisassem minha mãe. Na manhã seguinte, retornei a ligação e fui informado que uma passagem de Curitiba para Bauru fora paga no guichê da Itapemirim (empresa à época detentora da linha) para que, assim, eu pudesse voltar.

A barraca ficou pelo caminho. Na posse de uma mala da qual nada pudesse ser aproveitado, sem nenhuma troca de roupa, regressei. Estava de sapatos (um Kildare Stradero), com a famigerada cueca e uma camiseta que estampava a alcunha de um candidato que concorrera ao pleito do executivo em Paranaguá. Uma triste figura. Dessas pelas quais se passa todos os dias, identificadas como andarilhos ou, quiçá, mendigos. O surto psicótico havia se instalado. Comportamentos e falas desconexas eram-me comuns. As “vozes” ganharam corpo e agora eu as escutava quase que a todo o instante.

O meu estado de saúde ficou muito nítido para todos. Viria a sofrer as mais duras consequências de uma existência há anos pautada pelo excesso e o abuso no uso de drogas. O choro de minha mãe ao ver-me deixou isso muito claro “O que aconteceu com você meu filho?” Eu não tinha uma percepção clara da gravidade do problema. Vivia já, então, uma realidade paralela típica dos esquizofrênicos. Conversava com a televisão onde supunha poder alterar a programação. Era eu quem determinava os índices econômicos através de supostos gráficos desenhados na parede para que o âncora do telejornal os interpretasse e assim pudesse informar o público. As entrevistas em programas como o de Amauri Júnior eram de uma interatividade ainda não alcançada pela atual tecnologia. Conversava com os entrevistados, que a mim respondiam, faziam também perguntas e, é claro, seguiam as recomendações por mim feitas. Ouvia vozes e constantemente tinha a impressão de ouvir o que era dito pelos vizinhos em suas casas. Substâncias que pessoas em seu juízo não dão algum valor, ou das quais até mesmo se afastam, ganhavam propriedades mágicas; os restos de um animal morto encontrado na pista da Rodovia Marechal Rondon, colocado em parte dentro de um frasco de óleo para motor automotivo, se converteram no “Chifre do Unicórnio”, com propriedades encantadas, uma espécie de poção com poderes místicos. Uma pedra de cor dourada trazida da ilha, guardada desde o tempo em que ficara acampado na mata em Encantadas, de aspecto calcáreo, que se convertia facilmente em pó,

era agora “Star Gold” que, quando misturada à bebida ou à maconha, proporcionava as mais intensas alucinações. O interessante é que, por mais absurda que pareça tal ideia, muitos foram os baseados fumados com tal aditivo. Ainda não cientes da minha loucura, muitos foram os que aceitaram a ideia e fizeram uso da “nova droga” em um delírio inventada.

Providências precisavam ser tomadas. Ao expor meu caso para conhecidos, minha mãe conseguiu dinheiro para uma consulta psiquiátrica. Doutor Alegre, um franzino e calvo ancião, atendeu-me em seu tradicional consultório. Não me recordo da conversa que tivemos ou do que o médico e minha mãe conversaram. Mesmerin, esse foi o medicamento receitado. Um ansiolítico hipnótico-sedativo que poderia trazer-me de volta à realidade. Comprimidos azuis embalados em uma caixa que continha duas cartelas repletas dos mesmos. Ficaram em minha posse. Na primeira oportunidade que tive, sozinho, deposei o conteúdo de toda uma cartela sobre o aparelho de TV e macetei-os até que virassem pó. Dividi o conteúdo em “carreiras” e aspirei-os com o auxílio de um tubo de caneta, como se cocaína fosse. Em seguida, fui até o Bar do Kiko e, com alguns “trocados” furtados da bolsa de minha mãe, comprei uma vigorosa dose de conhaque, sorvida em uma única talagada.

Insano. Passei a vagar só, por toda a cidade, durante a madrugada, por dias a fio. Achava objetos no lixo e os carregava comigo. Sem saber como, acordava em bairros distantes, como o Núcleo Otávio Rasi, onde acordei deitado de bruços no meio da quadra poliesportiva da escola local. Procurava fugir das vozes e rogava para que me deixassem. Repentinamente, era tomado por um sono incontrollável. Deitava onde estivesse. Foi assim que dormi em muitas calçadas. Letargia abrupta. Rua Araújo Leite, baixada do Silvino, Associação dos Cabos e Soldados. Queria em casa voltar. Tais interrupções e desconexões no fluxo do pensamento faziam com que o cumprimento do trajeto levasse horas... Perdera completamente a noção de tempo.

Qualquer coisa podia ser droga. Colocava grãos de arroz sobre a lata preparada como se fosse para o consumo de crack e os fumava. Até mesmo pedrisco usado na construção civil era enxergado como droga. Estava sentado próximo ao bar citado no antepenúltimo parágrafo. As mesmas vestes usadas desde o meu retorno, com um diferencial, vestia agora uma jaqueta preta de couro, dessas vendidas em lojas populares, achada ao vasculhar uma lata de lixo. Sapato, *shorts* e “jaqueta de couro”, sem camisa. Há pouco ficara violento com o dono do bar, que não quisera servir bebida. Uma viatura do Tático Móvel da Polícia Militar

se aproximou. Um “enquadro”. Assustado, tentei fugir “Mão na cabeça!”, “Não se mexe”, gritaram os policiais de arma em punho e já muito próximos. Uma ambulância (das antigas, uma Chevrolet Veraneio) emparelhou com a viatura. Procuravam imobilizar-me. Fui algemado. Com muito custo, policiais e enfermeiros amaram-me à maca e puseram-me no veículo branco que me conduziria ao hospital.

Na Unidade de Pronto-Atendimento do Jardim Bela Vista, puseram-me sentado em um corredor. De todo o modo buscava me livrar das algemas. Quanto mais às puxava, mais apertavam meus pulsos, que passaram a sangrar. Dois enfermeiros se aproximaram e, com a tarimba que lhes é conferida, recolocaram-me em uma maca. Gritava para que solto fosse. Entramos em um ambulatório. Pude ver um deles preparar uma injeção. Senti a picada na coxa esquerda. Minhas memórias aí cessam.

Acordei com sede com muita vontade de urinar. Era noite. Tentei me mexer, mas percebi que não podia. Olhei ao redor e percebi que estava só. Luz e barulho vinham de fora, do que parecia ser um corredor. Braços e pernas amarrados. O peito atado à cama. Novamente dormi. Lentamente voltava de uma forte sedação, do “sossega-leão” a mim ministrado. Constatei, estava em um hospital. Um manicômio, um hospício para ser mais exato. Hospital “do Paiva” como depois soube.

O setor de intercorrência, que no jargão médico significa fenômeno que faz com que uma moléstia primitiva tome outro curso, era para onde eram levados os pacientes recém-chegados. Guardado por grades e cercas que mantinham os internos isolados, era o local onde os mais agitados e violentos eram mantidos até que pudessem conviver com os demais pacientes. Era para lá também que eram levados os pacientes que cometessem alguma indisciplina. Uma espécie de “amansa louco”. Gritava e me debatia para que fosse solto, isso só fazia com que o enfermeiro viesse e reforçasse a dose de calmante com uma nova injeção.

Os medicamentos começaram a fazer efeito. Mais calmo, fui, aos poucos, aprendendo a me livrar das amarras. Os enfermeiros, ao verem que eu não manifestava agressividade, permitiam agora que eu pudesse me levantar. Saía com dificuldade ao corredor (os remédios causam muita apatia e fraqueza). Podia, então, ver outros pacientes: amarrados, babando, em crises convulsivas, sendo contidos por enfermeiros. A roupa que eu agora vestia eram calças e blusa feitas especialmente para doentes mentais, sem botões e nem bolsos. As refeições, por segurança, vinham em recipientes plásticos e comíamos sob a supervisão dos enfermeiros que, terminado o execrável repasto, ofereciam a cada interno um cigarro e a possibilidade de acendê-lo. Muitas horas dormidas. Recuperava-me.

Queria ir embora “Eu não sou louco!” “Me deixem sair!”. Essas eram expressões comuns naquele ambiente. Sem respostas, menos lesado pelos tranquilizantes, iniciei com outros internos uma rebelião. Corríamos de um lado para o outro, chacoalhávamos portões e janelas na tentativa de lá sair. Tolice. O que conseguimos foi um batalhão de enfermeiros munidos de injeções sedativas que nos cercou e, rapidamente, interrompeu nossa ação. O saldo de tal ousadia foram mais alguns dias amarrado e a volta do tratamento à estaca zero.

Após a entrevista com o psiquiatra, que lá ia uma vez por semana somente, fui comunicado que sairia da intercorrência, iria para o convívio com os demais internos da instituição. Então, foi o choque. O setor o qual até então conhecera assimilava-se a um hospital, o que via diante dos meus olhos era o retrato do que, até então, eu imaginava ser o purgatório. Centenas de homens em um pátio cercado de árvores. Muitos deles nus e deitados no chão. Havia um que brincava com as suas próprias fezes. Fui cercado por um grupo, no qual muitos babavam e proferiam sentenças que denotavam o ilogismo dos que ali habitavam. Era assaz pior do que o retratado no cinema, em filmes como “Bicho de Sete Cabeças” e “Um Estranho no Ninho”. Tão grotesco quanto, visto antes por mim, só as reportagens sobre o Hospital Psiquiátrico do Juqueri, em Franco da Rocha, na Grande São Paulo.

Fumavam os seus cigarros até que queimassem os dedos já em carne viva. Quem tentasse fumar era por eles cercado. Desesperadamente, pediam para que o fumo lhes fosse dado. Para comer formava-se uma fila, em um amplo refeitório administrado também por doidos. Para onde quer que eu olhasse, bocas banguelas cheias de comida que delas caíam eram vistas. Mesmo com muita fome, comia o suficiente para me manter. O dormitório, um pavilhão com cerca de uma dezena de quartos, também coletivos, sem portas ou roupa de cama, era lotado por loucos das mais variadas matizes. Certa noite, acordei assustado. Um mentecapto estava a mim agarrado a chupar meu pescoço. Saltei e joguei-o contra a parede. Antes que pudesse apanhá-lo, correu e sumiu na confusão de quartos.

A sexta-feira era o dia da visita. Minha mãe, que muito fez por mim nesse tempo, estava presente. Fiquei muito emocionado ao vê-la. Trazia cigarros, frutas e um iogurte do qual eu gostava. Abraçamos-nos. Lágrimas me vêm aos olhos apenas por lembrar. Disse a ela que precisava sair, que aquele era um lugar de loucos, que caso ficasse, pioraria. Muito comovida, falou que aquilo era pro meu bem. Que se tudo desse certo, logo eu poderia sair. O tempo passou muito rápido e logo nos despedíamos. Tinha ela omitido algo. Ao conversar com o médico, isso ela me contou anos depois, foi informada que o meu quadro clínico era irreversível, que jamais eu poderia voltar à sociedade. Na antiga política de saúde

mental, eram repassados à instituição psiquiátrica o equivalente a três mil Reais por cada usuário internado pelo Sistema Único de Saúde, e isso interessava a muita gente. Penso quantos não foram os que morreram, durante os anos, nesses depósitos de desvalidos, por conta do desprezo e da concupiscência dos que se beneficiam do infortúnio alheio.

Fugi. Durante dias fiquei observando um ponto vulnerável por onde pudesse eu empreender fuga. Concluí que um muro perto da sala onde eram realizadas atividades laborais era o ponto de maior vulnerabilidade naquilo tido por mim como uma prisão. Tinha eu grande habilidade para saltar por sobre muros. Com uma técnica desenvolvida por diversão no decorrer dos anos, que consistia em correr em direção ao obstáculo a ser transposto, dar dois verticais em sua superfície e, só então, segurar em seu pináculo, decidi fugir. Colocava os remédios debaixo da língua para depois cuspi-los. Assim, recuperei a leveza necessária à execução do meu intuito. Aguardei, então, o momento certo em que nenhum enfermeiro ou funcionário estivesse por perto. Arrastei uma comprida mesa para que servisse de plataforma, corri por sobre a mesma e vali-me com sucesso do ardil supracitado para conquistar a liberdade. Estava na rua. Sabia que viriam no meu encalço. As vestimentas delatavam de onde saía. Sem titubear, disparei em uma lancinante carreira rumo ao lar. Já próximo da Rua Coronel Alves Seabra, espécie de divisa entre o Jardim Bela Vista (local onde ficava o hospital até o seu fechamento) e o Jardim Godoy (bairro onde até hoje resido) avistei um vizinho a se aproximar de carro. Avancei em sua direção. Assim que parou o carro, assustado fui em direção à porta do passageiro e adentrei em seu Ford Escort de tom verde esmaecido. “Está indo pra casa? Me dá (sic) uma carona!” Ele não disse uma palavra. Não havia ninguém em casa. Nunca fiquei tão feliz ao chegar. Abri a geladeira, preparei um copázio de leite com achocolatado em pó (não, não era Nescau) e pus-me a assistir Tom e Jerry sentado no sofá.

Ao chegar do trabalho, minha mãe foi surpreendida por minha presença. Expus meus argumentos e concordei que continuaria o tratamento desde que não internado. Ela concordou e, relatando o porquê da urgência no atendimento, conseguiu uma consulta no ambulatório de saúde mental, onde, posteriormente segui o tratamento com um chamado Dr. Figueiredo, até quando julguei pertinente. O tratamento era à base de decanoato de haloperidol (Haldol), um fármaco antipsicótico, ministrado de forma intramuscular. Causa muito mal estar, dificuldades na fala e rigidez muscular.

Comovida com minha situação, minha mãe foi até uma loja em que tinha crediário e

comprou um par de tênis (de lona azul, o mais simples da marca Nike) para ver se me alegrava. Estava muito triste e, sob o efeito do remédio, pouco saía do quarto. Fiquei feliz ao receber o presente de minha mãe. Sabia de suas dificuldades e o quão pouco ganhava por seu trabalho. Representou muito pra mim. Porém, tal presente mudaria a minha vida. Não para melhor.

Estava quente aquela noite. Queria sair um pouco. Não tinha dinheiro e sequer intenção de usar drogas. Precisava “estrear meu par de tênis”. No bolso, apenas um maço de *Hollywood* vermelho e uma caixa de fósforos. Ainda assim, decidi pela caminhada. Sozinho, a pecha de louco fazia com que ninguém mais quisesse andar comigo, segui rumo à Zona Sul da Cidade. Praça das Cerejeiras, Portugal, Avenida Getúlio Vargas. Ali encontrei alguns guardadores de carros a fumar maconha. Aproximei-me, dei uns tragos, um gole na bebida e só. Não tinha capacidade de interagir com as pessoas. Sentia-me desconfortável e inadequado. Andava sem qualquer entusiasmo. Pouco depois da meia-noite, decidi voltar. Percorreria um longo caminho...

Já na Rua Araújo Leite, no cruzamento com a Rua Presidente Kennedy (onde então funcionava a concessionária Amantini) fui de longe abordado por algumas pessoas sentadas no meio-fio, no meio do quarteirão no sentido da Avenida Nações Unidas. Um deles disse “ei, camarada”! Tem um cigarro para arrumar? Com o dedo sinalizei negativamente. No entanto, ao tocar de imediato no bolso da bermuda, percebi que tinha cigarros. Respondi, então, “Pô companheiro, tenho sim”. E voltei-me em direção ao grupo oferecendo-lhes o maço.

Eram dois homens, uma mulher e um menino. Ao me aproximar, todos ficaram em pé, fui surpreendido por um deles que me agarrou pelas costas e levou-me ao chão. Era uma emboscada. Enquanto caído e imobilizado, tive o par de tênis e a carteira (vazia) subtraídos por outros membros do bando. O tênis que acabara de ganhar... Não podia chegar em casa sem ele... Todos diriam que eu os trocara por drogas... Não! Consegui levantar e fui ao encalço daqueles pilantras.

Em frente à casa onde funcionou por anos um bar de nome Ponto Chic, consegui um deles alcançar. Puxei-o pelo ombro e desferi um soco em sua face. Outro do grupo ameaçou vir em sua defesa, mas, ao ver o estado de fúria em que me encontrava, decidiu fugir. Ao olhar de volta para aquele o qual havia acertado, constatei que o mesmo encontrava-se desfalecido na calçada. Era um senhor com aproximados quarenta anos, barbado, aspecto de alcoólatra. Pessoas em um bar do outro lado da avenida observavam a cena assustados. Estava eu ali, agora, diante de um homem estendido no chão graças a um golpe de minha

autoria. Aqui vale uma máxima que melhor exprime o que por mim fora pensado naquele momento: “até explicar que focinho de porco não é tomada...” Estaria preso. Rapidamente, decidi então pedir por socorro. Atravessei a rua, fui até o orelhão sob as vistas da plateia que assistira parte do que ocorrera e chamei uma ambulância. Em seguida, liguei para a polícia e narrei o ocorrido. Disseram que eu esperasse no local. Assim o fiz. Sentei-me ao lado do corpo até a chegada dos socorristas (a mesma Veraneio branca). “Eh, Gandara! Você de novo!” Disse um dos atendentes.

A polícia chegou na sequência. Perguntaram-me sobre o ocorrido e disseram que eu teria de acompanhá-los. No segundo distrito policial, que funcionava então na Praça Dom Pedro II, no centro de Bauru, conduziram-me a uma espécie antessala para que eu esperasse a audiência com o delegado. Mas, as impactantes emoções vividas momentos antes devem ter causado certo transtorno em meu estado psíquico já abalado. Lembro-me de ter plantado bananeira na delegacia. Fui ouvido pelo delegado e em seguida dispensado. Policiais trouxeram de volta pra casa.

“Filho... meu filho... o que é que você fez meu filho! Você matou um homem, meu filho!” Acordou-me minha mãe aos prantos. Confuso e espantado, liguei a notícia aos fatos ocorridos na madrugada anterior. “Deu no rádio... vieram aqui em casa contar... você não está bem meu filho...”. Contei pra ela o porquê de tudo o que ocorrera e ela disse, “deixasse o tênis pra lá! E agora, você vai ser preso!”. Enxugou as lágrimas do rosto e saiu para trabalhar. Passei a temer que a prisão ocorresse a qualquer momento.

Por volta de meio dia escutei baterem no portão. Receoso, olhei através da janela e vi que era apenas uma garota. Atendi. “Olá! Você é o Fernando?” acedi de maneira positiva. “Posso entrar pra falar com você?” “Sou do Diário de Bauru e queria fazer algumas perguntas”. “Pois não, pode entrar”. Convidei-a para que sentasse para que melhor pudéssemos conversar. Em nenhum momento ela se referiu ao fato ocorrido algumas horas atrás. Fez muitas perguntas genéricas, aparentemente despretensiosas. Perguntou o que eu fazia. Disse estar desempregado. Se eu tinha algum *hobby*. Respondi que gostava de *rock n roll* e que, há algum tempo, participara de algumas “bandas de garagem”, nas quais fora vocalista. Sem camisa e de cabeça raspada, respondi a todas as perguntas por ela feitas. Encerrada a entrevista, acompanhei-a até o portão. Apoiado com os braços levantados no portão esperava que ela entrasse no carro e fosse embora. “Posso tirar uma foto sua?”. Como não sabia a sua intenção, dei com os ombros e respondi, “tira...”. No dia seguinte a edição de número 17.520, datada em dezesseis de março de 1999, uma sexta-feira, trazia

entre as suas matérias de capa a seguinte chamada “RAPAZ DE 21 REAGE E MATA ASSALTANTE” ilustrada por uma foto em que sou visto de cabelos desgrehados, sem camisa e, para piorar, “atrás das grades”.

A reportagem veiculada como destaque na seção policial continha uma sucessão de erros cometidos, não sei se intencionalmente ou por descuido, na apuração do fato ocorrido. Em seu título destacava “CANTOR DESEMPREGADO REAGE A ROUBO E MATA 1 DOS LADRÕES”. Não afirmei ser cantor. Talvez o fato de um cantor estar desempregado torne a notícia mais chamativa. Afirma que estava “voltando de uma festa na Avenida Getúlio Vargas”, fato inverídico. Então, relata que teria eu ido pedir um cigarro para o grupo, quando que na verdade, ocorreu o contrário. E para finalizar, diz que eu só teria parado de agredir o Carlos Alberto Gandara, o ladrão, com a chegada de um grupo de travestis ao local: “fiquei com medo que eles me batessem e parei”, nunca fiz tal afirmação. Já o Jornal da Cidade publicou apenas uma nota na qual relatava o fato de forma sucinta e classificava-me como deficiente mental. Independente da ênfase e da forma como a notícia fora tratada, restava um fato: agora eu era um jovem com uma expectativa de sucesso ainda mais estreita. Ainda muito novo, com problemas psiquiátricos causados pelo o constante abuso de drogas e, para piorar, teria agora de responder por homicídio doloso, artigo 121 do código penal.

Devido à grande repercussão e gravidade trazidas pelo desfecho do acontecido, temia uma iminente prisão. Em meu pensamento, a única forma de evitar que isso ocorresse era se eu estivesse internado para um tratamento psiquiátrico. E assim o fiz. Pedi para que chamassem a ambulância e a esperei para que novamente fosse internado.

Segunda estada no hospital psiquiátrico foi menos conturbada. Cheguei por conta própria, amedrontado pelo ocorrido e sedento por algo que aliviasse o pânico. Permanecer “anestesiado” era a melhor opção naquele momento.

As cenas grotescas experimentadas desde a primeira vez em que lá entrei permaneciam as mesmas. A internação durou somente cinco dias. Gradativamente deixava o estado de psicose e o intuito de minha permanência naquele manicômio era de meu conhecimento. Apesar dos recentes atos de latente loucura, preservara o instinto de autodefesa. A fuga dessa vez foi bem mais simples. Pedreiros trabalhavam próximos ao local de onde antes eu escapara. Passavam com carriolas e materias por um portão a todo instante. Esperei o momento oportuno em que ninguém estivesse próximo e saí.

Indubitavelmente esse foi o meu “fundo de poço”. Mas para que pudesse dessa situação sair, teria ainda de percorrer um longo caminho inverso, em uma trajetória nem sempre

ascendente.

A recuperação foi lenta e difícil. Passado o surto psicótico, a depressão manifestou. Por mais de um ano saía do quarto apenas para as consultas ao psiquiatra ou quando ia até ao Posto de Saúde para ser medicado. O Haloperidol e o Diasepan receitados para o tratamento causavam uma profunda apatia. A dificuldade na fala era outro efeito colateral. Pesadelos. Sensação de que algo se agarrava às minhas costas. Dormia por dias seguidos sem demonstrar nenhum interesse pelo mundo exterior. Escondia-me quando alguma visita em casa chegava. Emagreci, perdi a autoestima e o contato com os amigos que outrora tanto valorizei.

Dois anos depois fui absolvido no processo. A denúncia oferecida pelo Ministério Público foi julgada improcedente pelo juiz responsável por julgar o caso.

Quando então senti que já era hora de sair da clausura, gradualmente passei a reduzir, por conta própria, as dosagens dos medicamentos. Aos poucos voltava a ter uma vida próxima do normal. Tinha agora planos de retomar os estudos, abandonados no primeiro ano do Ensino Médio. Precisava trabalhar, encontrar um sentido existencial para que não tivesse o mesmo fim de grande parte dos viciados. Passara pelo manicômio, não queria ir de encontro aos outros dois possíveis fins reservados aos que se perdem nas drogas. Tive tal sorte e por isso posso hoje escrever sobre o passado. Porém, como exporei adiante, estariam ainda por acontecer uma sucessão de tragédias pessoais que fizeram com que muitos daqueles com quem convivi em minha adicção ativa não tivessem a oportunidade de mudança que um dia a mim fora ofertada.

Fazia supletivo e trabalhava nas mais diversas ocupações. Isso não impediu que em um pequeno intervalo de tempo eu voltasse a frequentar as mesmas amizades de outrora. Muita coisa tinha mudado desde minha parada forçada. O Primeiro Comando da Capital já era uma realidade presente. Era comum ouvir que “fulano” agora era do “partido”, que “cicrano” tinha-se batizado, e por aí vai. Como consequência desse panorama, uma enxurrada de droga passou a circular. Se antes tínhamos de nos deslocar até as favelas, conhecer um contato forte ou ir até “bocas” (como eram então chamadas) localizadas em áreas periféricas para obter drogas, agora podíamos comprar dos muitos “moleques” que agora traficavam. Adrianinho, irmão do Tote, Naldinho, Mike, sua mãe Bel, muitos vendiam drogas. Crack e cocaína se popularizaram, encontráveis agora a qualquer hora nas esquinas de qualquer bairro. No Vista Alegre não era diferente.

Podem-se encontrar drogas em qualquer lugar de Bauru. É claro que nas regiões periféricas

a oferta é maior. O Fortunato Rocha Lima por exemplo, bairro criado a partir de um projeto de desfavelamento, situado às margens da rodovia Bauru-Marília é conhecido como entre os usuários como “Fronteira”. Qualquer hora em que lá se chegue existem pequenos traficantes que vendem sua mercadoria nas muitas esquinas do bairro. O lugar é muito procurado porque com o mesmo valor em dinheiro compra-se uma quantia maior de droga, no jargão usual, lá a droga “é servida”. Tal modelo de negócio se repete em muitas outras periferias da cidade. Existem também os serviços *delivery*, os chamados disque-pó e disque-pedra. Na área central a qualquer hora encontra-se o que quiser, menor em quantidade e qualidade.

Na grande maioria dos bares, dos mais elitizados, aos botecos de vila, é fácil identificar alguém “no corre”. Viciados em crack são discriminados em qualquer lugar, entretanto, quem opta pela cocaína, usualmente conta com a conivência dos donos dos estabelecimentos que fazem “vista grossa” para o consumo que ocorre nos banheiros. O consumidor de coca bebe muita cerveja, na euforia, revela-se esbanjador. Insuspeitos profissionais das mais diversas áreas, pais de família, não dispensam um “tirinho” após sua jornada de trabalho. O consumo está tenazmente arraigado nos mais diversos estratos sociais.

Bom, penso que nesse ponto a história esteja a tornar-se enfadonha e procurarei resumir os fatos e os desdobramentos que o envolvimento com as drogas trouxeram a mim e pessoas próximas. Mudarei o ritmo da narrativa e me aterei aos fatos de maior relevância e que deram origem ao interesse em escrever sobre o assunto. O porquê de hoje ter a certeza da destruição que o vício pode causar.

No que concerne a mim, sofri ainda por mais uma década as consequências do vício. Transtornado, depois do uso, sofri um acidente de moto no qual fraturei o fêmur e fique sem andar por aproximados dois anos. Envolvi-me em inúmeras brigas e confusões e muitas foram as vezes em que perto da morte estive. Morei na rua, ou melhor, em um prédio abandonado da antiga RFFSA. Após entrar na faculdade e no emprego no qual ainda hoje trabalho, por dispor de uma condição financeira um pouco melhor, passei a beber e a cheirar quantias absurdas. Faltava ao trabalho e voltava para casa depois de dias “hibernado”. Fui internado em uma comunidade terapêutica de reabilitação. Por medo de assumir minha condição de dependente químico na empresa em que trabalho, pedi à psiquiatra por quem na época era atendido para que colocasse em seu diagnóstico que eu passava por um quadro de depressão. A omissão da verdade fez com que eu não dispusesse dos recursos médicos de maior qualidade pelo plano de saúde ofertados. Ao invés então de

ser internado no Instituto Bairral, reconhecido centro de excelência em psiquiatria que conta com uma estrutura “cinematográfica”, do qual teria direito caso de imediato assumisse a minha condição para a empresa na qual trabalho, acabei por conta própria, de acordo com os recursos de que dispunha, indo parar na “Comunidade Terapêutica Vida e Paz”.

A “Vida e Paz” é um empreendimento voltado à recuperação de drogados localizada em um bairro periférico de Bauru. Não conta com psiquiatras, nutricionistas ou quaisquer profissionais do gênero. A suposta terapia oferecida consiste na alienação. Leituras de jornais, revistas, ou de qualquer livro que não seja a bíblia são proibidas. Nada de telejornais. Na TV apenas programas de cunho educativo que incluíam “Chaves” e “O pequeno Stuart Little”. A comida um lixo. Os alojamentos, quartos coletivos com mais de trinta beliches cada, equipados com colchões em que muitos mendigos se recusariam a deitar. Os banheiros contavam com apenas dois chuveiros frios que atendiam mais de cem internos que todas as tarde se enfileiravam nus para o banho sob a supervisão de um afeminado monitor. Um “ex-travesti” recuperado e convertido em pastor evangélico de nome Odair coordenava a grande parte dos incontáveis “cultos” aos quais éramos submetidos. Para livrar-se do vício seria preciso ser obediente, lavar banheiros e varrer o pátio. Quem questionasse tal metodologia tinha por castigo cavar buracos semelhantes á covas encontradas em cemitérios, o tamanho variava conforme a necessidade de recuperação observada pelo “especialista” responsável pelo tratamento. Essa é uma das vertentes da indústria da dependência química, que faz com que supostas clínicas sem qualquer condição ou preparo proliferem em busca do dinheiro fácil provindo das consequências do abuso de drogas. Impossível se recuperar nessas condições. Durou até demais. Na terceira semana em que lá estava cheguei à conclusão de que preferiria morrer no uso a continuar a viver aquela realidade. Era uma tarde ensolarada. Soltei minha mala ao chão já do lado de fora da clínica e então veio à mente a pergunta que mais fiz a mim mesmo enquanto na adicção ativa: “E agora o que é que eu faço?”. O questionamento típico dos desprovidos de perspectiva.

Sofri duas *overdoses* nas quais fui resgatado pelo SAMU e internado no Hospital Beneficência Portuguesa para desintoxicação. Uma delas ocorreu no dia 26 de dezembro de 2010, dentro de uma casa de pagode localizada até hoje Avenida Duque de Caxias. Ao perguntar a conhecidos se alguém sabia de quem tinha “farinha” fui apresentado a um traficante que de imediato admoestou “Só de cinquenta!” “Demorou!” respondi animado. Segui-o pelos corredores da boate apinhada de gente. “Entra aqui!” já dentro do banheiro

ele retirou da cintura um tablete que se assimilava a uma cocada dessas quadradas vendidas em bares dentro de sacos plásticos. Segurou-o com as duas mãos e quebrou uma generosa quina que deu origem a uma grande pedra branca triangular que depositou em minha mão. Devia ele ainda estar sob o efeito do “espírito natalino”. Foi demais. Depois de fazer uso de toda aquela quantia, já em casa, senti que o meu coração fosse parar. Pedi socorro.

Como parte da diretoria de um clube de futebol, que disputa a campeonato amador na cidade, descobri que nem sempre é verdadeira a máxima de que “esporte é vida. Grande parte das agremiações que disputam essa categoria é mantida por traficantes que comandam o tráfico nos bairros nos quais se situam os clubes. No São Jorge Futebol Clube, time que disputava a segunda divisão do amador, a realidade não era diferente. “Neguita, Reno, Jé” eram nomes aclamados pela torcida, mesmo sem nunca terem defendido a camisa do clube como jogadores. As partidas ocorriam aos finais de semana em diferentes bairros da cidade. O “aquecimento” na sede que ficava em uma padaria do bairro era um prelúdio do que se estenderia no decorrer do dia. Se ganhássemos então... Cerveja, cocaína e muita maconha. A bateria ditava o ritmo e não raro o surdo cumpria não apenas o papel de percussão. Era comum que durante o jogo diferentes “patões” despejassem uma grande quantia sobre o instrumento. A cocaína era disposta em enormes carreiras, onde todos os “considerados” faziam o uso em plena arquibancada, sem qualquer preocupação “São Jorge, ô! São Jorge, ô! São Jorge, ôôôôô”... Entoava a torcida entorpecida.

Fiz uso de remédios controlados combinados ao álcool e cocaína. Era o chamado “clínica geral”, aquele que, apesar da sua droga de preferência, usa qualquer coisa que possa deixá-lo “louco”. Fluoxetina no café da manhã, álcool e cocaína depois do trabalho, Rivotril antes de dormir. Não foram poucas as vezes em que a essa “dieta” adicionou-se noites inteiras no uso do crack dentro do ambiente de trabalho de um amigo que hoje também se encontra limpo. Uma combinação que em pouco tempo me levaria à morte caso não tivesse sido interrompida.

OS QUE MORRERAM

Durante esses anos em que estive imerso no submundo do consumo e, conseqüentemente, próximo do tráfico de drogas, muitos foram os que vi morrer ou ficarem severamente sequelados em decorrência dessa relação. Os apenas próximos ou conhecidos, se fosse mencioná-los todos, formariam uma lista que talvez não acrescentasse valor. Ao propósito de relatar como é enxergado esse universo por quem dele faz parte. Entretanto, quando essas perdas estão diretamente ligadas a pessoas do seu convívio, é verificado um impacto capaz de mudar a sua trajetória dentro da adicção ativa ou, até mesmo, intensificar decisões que visem uma mudança no paradigma existencial do indivíduo atingido pelo problema. Aprende-se muito mais através da dor, visto que o amor é um sentimento cerceado em tais relações.

Conhecido como “Neninho”, Valdeci se aproximara de minha irmã mais nova quando os dois eram ainda muito jovens. Envolvido com roubos, tráfico de drogas e estelionato esteve por muitas vezes preso. Era um sujeito violento e temido por muitos no bairro onde moramos. Teve dois filhos com minha irmã. Judiava dela e de meus sobrinhos com frequência. Por ser “vida loca” e estar permanente armado, ameaçava a todos de nossa família que, com medo, acabávamos por não conseguir afastá-lo. Viciado em crack, impedia que minha irmã trabalhasse. Ameaçava-a. Era comum ouvi-lo agredi-la. Chegou a invadir o local de trabalho da mesma em um posto de gasolina no intuito de matá-la. Daí foram que a história se desenrolava, tínhamos uma iminente fatalidade. Foi morto em 2004 com quatro tiros de pistola quando saía de sua casa para atender um telefonema. Dois homens passaram em uma moto e dispararam a queima-roupa. Alvejaram-no pelas costas. Um dos tiros atravessou sua nuca e explodiu o seu pescoço. Acerto de contas. Muita tristeza em seu velório por parte dos seus familiares. Para mim, particularmente, um alívio.

Mike e Naldinho. Ambos eram meus amigos. Tinha mais afinidade com Mike, do qual eu frequentava a casa e que por muitas vezes na minha também esteve. Oriundo de uma família em que todos têm envolvimento com o crime desde muito novo já traficava. Sua mãe, Bel, também traficante era conhecida por todos. Traficavam em sua própria casa e durante a noite abasteciam a cracolândia do centro de Bauru. Por muitas vezes acompanhei-os na venda das pedras para que pudesse junto deles fumar. Eram viciados. Vendiam, mas o lucro quase que em toda a sua totalidade se convertia em fumaça nas latas e cachimbos. Devido ao hábito de carregar consigo grande volume de droga, Mike recebera um apelido: “Mike-mão-cheia”. Naldinho eu conhecia há anos da pista de *skate*. Chamava-

me de “Valentino Troca-Tapas” em referência ao personagem mal-humorado e brigão dos desenhos animados. Há algum tempo vendia drogas e estava em ascensão no tráfico. Éramos todos da mesma turma que nos anos 2000 se reunia todo início de noite no “Bar da Tia” no Parque Vista Alegre, próximo à escola “Madureira”. Naldinho passou a fornecer a Mike e Bel drogas para que vendessem no centro. Fumaram toda a droga e não pagaram. Estávamos todos no bar tia quando Naldinho chegou já alterado ao bar e disse a Mike “Aí, cadê meu dinheiro? É melhor você me pagar, senão eu vou ti matar...” Seguiu-se um bate-boca e Mike acabou por ir embora. Continuamos a beber nosso vinho. Nessa mesma noite, Mike que por esse tempo já tinha fama de matador, invadiu a casa de Naldinho durante a madrugada e esfaqueou-o até a morte e fugiu. Já durante o velório todos diziam quem fora o autor. Parentes e amigos mais próximos juravam vingança. Imagem triste aquela. Naldinho que era negro e alto usava como mortalha uma camiseta branca que devido aos ferimentos estava toda manchada de sangue. Pediram para que eu Ulisses cantássemos “Maluco Beleza” em homenagem ao morto. Assim fizemos. O sentimento de revolta aumentava. Iriam resolver a “parada” naquele mesmo momento. Um grupo sai em direção a uma casa que fica às margens da linha do trem no centro da cidade. É lá que moram Mike e Bel. Cerca de uma hora depois retornam ao velório. Entre os presentes a notícia da vingança corre ao pé do ouvido. O principal alvo conseguira escapar. Bel não teve a mesma sorte: morreu com três tiros na cabeça. Mike foi preso pelo crime. Foi assassinado na cadeia meses depois.

Em 2006, durante a onda de ataques do PCC, Mê (camarada traficante classe média e dono de um bar antes citado) ainda muito jovem foi morto pela Polícia Militar com um tiro de escopeta calibre doze a luz do dia em plena Alameda Cônego Aníbal Dífrancia, rua principal do Parque Vista Alegre. Disseram que ele estava em um carro (um Volkswagen Golf *Bordeaux*) pertencente a um membro do partido e que, ao ser abordado, desceu do carro atirando. Quem o conhece sabe que não andava armado. Testemunhas falam em execução sumária. Dizem foi atingido quando já com as duas mãos no teto do carro, para que fosse revistado. Foi outro que a imagem no caixão permanece clara na memória.

Muitos mais foram os que vi morrer. “Adriano Negão” morreu de *overdose* dentro do seu próprio quarto. “Pacote” teve o mesmo fim. Pierre, idem. Adrianinho, irmão mais novo de Tote (seu nome era Aristóteles) envolvido com o tráfico, foi encontrado morto com um tiro na cabeça dentro de casa. A polícia fala em morte accidental. Pessoas próximas falam em execução. Já Tote sofreu mais. Usuário de drogas injetáveis no final da década de 80 era soropositivo e viciado em crack. Lembro-me da última vez que o vi: mendigando na

calçada, esquelético, com o corpo todo coberto por escaras causadas pela AIDS. Morreu só na noite de natal de 2011 no Hospital Manoel de Abreu.

As mortes acima descritas causaram uma forte impressão na maneira como eu enxergava a vida imersa no universo das drogas. Apesar disso, o ano de 2012 foi marcado pela perda mais significativa e que me fez ter maior convicção quanto aos caminhos que escolheria daí por diante. Eu já estava limpo há quase um ano. Foi então que o destino quis mostrar da forma mais nítida que jamais eu deveria voltar ao caminho que há tão pouco tempo eu abandonara.

Conheci Felipe duas décadas antes. Eu era ainda um adolescente e muitas foram as aventuras que vivemos juntos. Adorávamos *rock*, em especial Black Sabbath e Raul Seixas. Compartilhávamos também o gosto por videogames. Palmeirense roxo. Trabalhamos juntos por muitas vezes na instalação de sistemas de segurança, ramo de atividade que ele conhecia como poucos. Na última década estreitamos nossa relação e tornamo-nos melhores amigos. Estávamos sempre juntos. Adorava cerveja e cachaça. Era um “boa praça” que onde quer que chegasse trazia a alegria. Sempre sorridente, conhecia a todos nos bares que frequentávamos. Bebíamos, cheirávamos, fumávamos, curtíamos. Era honesto, sempre trabalhou para sustentar seus vícios. Era comum nos abraçarmos fraternalmente “Fernandêra, você é meu irmão cara!”. A recíproca era verdadeira “Você tá ligado Felipêra, você mora no meu coração velho!” Amava-o como a um irmão que não tive.

Enquanto estive “na ativa” extrapolamos incontáveis vezes. Ele gostava mesmo era de álcool. Somente no final é que tomou gosto pela química. Certa vez, no rancho do “Rodrigo Careca” em companhia do nosso amigo Davi, bebemos um barril de chopes em um final de semana que ficará para sempre em minha memória. Recordo também de um dia em que após uma consulta ao cardiologista, estava acoplado ao meu corpo um *router* que permaneceria comigo por vinte e quatro horas para que fossem aferidos dados quanto as condições do meu coração. Nessa noite fomos para um conhecido bar da cidade, o “Brecha”, beber cerveja e comer panceta. Demos uns “tiros” também. “Vamos ver Fernandêra se o aparelho aguenta!” Era uma figura. Mesmo depois que decidi parar, nossa amizade permaneceu. Eu fazia questão de ir ao PVA para vê-lo. Agora sóbrio eu podia perceber o exagero. Não me sentia a vontade para dar conselhos. Quem era eu para falar alguma coisa. Via-o inchado e sem a mínima preocupação com a aparência. Aproximara-se de “Rogério Morango”, um quase amigo que frequentava a nossa “roda” há nos e que tinha um longo histórico de acidentes de trânsito. Além do álcool, “hibernaram” na pedra. Era

comum Felipe passar as noites na casa de “Morango” e de lá só sair no dia seguinte para o trabalho.

No final da tarde do dia 24 de junho de 2012, um domingo, após passarem o final de semana embalados, Felipe saiu do Bar do “Tio Hélio” a bordo da *pick-up* Pampa na companhia de Rogério que a dirigia. Iam em direção à “fronteira”, o Núcleo Habitacional Fortunato Rocha Lima. Iam em busca de mais drogas. Deviam estar chateados. Ambos palmeirenses tinham acabado de assistir a derrota do alviverde para o arquirrival Corinthians. Segundo o relato do dono do bar “O Felipe e Rogério tavam ruinzinho quando saiu daqui (sic)”. Na volta da empreitada ao longínquo bairro Rogério perdeu o controle do automóvel e capotou por diversas vezes na descida da Avenida Nações Norte. Felipe fraturou o crânio em diversas partes e estava vivo quando o socorro chegou ao local. Não chegou vivo ao hospital. Tinha 34 anos. Na coroa de flores que comprei em sua homenagem a frase que melhor sintetiza o que até hoje sinto: “AMIGO, VOCÊ DEIXOU SAUDADE”.

Nesse mesmo ano, no dia 12 de setembro, morreria outro familiar. Vinícius, o marido de minha irmã (a mesma do que fora assassinado anos antes) sofreu um acidente fatal a bordo da carreta que dirigia. Fazia uso de “rebites” (remédios controlados a base de anfetaminas utilizados por motoristas para que percam o sono e assim possam dirigir por um período de tempo mais longo) e voltava de uma viagem ao estado de Goiás. Dormiu ao volante e bateu de frente com outro caminhão próximo à divisa de Minas com São Paulo, no município de Icém.

Entraram para as estatísticas das mortes de trânsito. Porém penso controversa tal afirmação. Morreram em decorrência do acidente de trânsito ou devido ao consumo de drogas?

A SAÍDA (EPÍLOGO)

Foram mais de vinte anos de adicção ativa até que eu pudesse parar. Para que chegasse a tal decisão tive de sofrer a ponto de sentir que não existiam mais condições para continuar. Dias antes me envolvera com desconhecidos na madrugada com os quais usei cocaína e álcool até o começo da tarde do dia posterior. Acabei por abandonar minha moto no posto de combustíveis em que estávamos primeiramente para acompanhá-los até o Nova Esperança, bairro da periferia da Zona Oeste da cidade. Quando o meu dinheiro acabou, cessou também a amizade. Tentaram me roubar e agredir-me. Tive de fugir a pé para que não fosse pego. Certa manhã, era transmitido pela TV o Casamento Real do príncipe Willian com a então plebeia Kate Middleton. Em frente ao monitor estava eu sentado com duas garrafas de cerveja de 1 litro e uma quantia ainda considerável de cocaína que começara a cheirar na noite anterior. Precisava começar a trocar-me para o trabalho. Bebia e aspirava o pó que queimava as narinas já feridas pelo uso. Olhei o espelho e assustei-me com o que vi. As pupilas muito dilatadas e uma aparência transtornada. Chorei ao pensar que não podia mais parar. O coração batia freneticamente. O medo da morte que sempre atormentava quando nessa condição. Ao chegar ao trabalho não conseguia digitar um caractere que fosse. Tremia e suava em demasia. Levantei e comecei andar pelo prédio na esperança de que o mal-estar diminuísse. Lavei o rosto demoradamente. Sabia que não passaria. Meu chefe ao ver a situação em que eu estava pediu para que eu fosse embora “Não dá Fernandão, vá pra casa descansar”. O meu problema já era do conhecimento de todos e não tardaria para que eu perdesse o emprego. E assim, fui afastado de minhas atividades profissionais sob o diagnóstico de “Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de múltiplas drogas e ao uso de outras substâncias psicoativas - síndrome de dependência”.

Aos 34 anos, cansado de tudo de ruim que a dependência química causara em minha vida, decidi que o momento de parar. Era o dia seis de agosto de 2011. Encontrei saída há apenas dois anos e meio, nas reuniões de Narcóticos Anônimos. Há dois dias sem fazer uso de quaisquer substâncias, com o desejo de cessar o uso, assisti a minha primeira reunião no dia 08 de agosto de 2011. Antes, durante a tarde, ao passar em frente de um local de reuniões, um grupo, vi a placa com os seguintes dizeres: “Problemas com drogas? Nós podemos ajudar” Lá encontrei um programa de tratamento com o qual me identifiquei e que possibilitou que eu conseguisse finalmente superar um problema que sempre me acompanhou e que foi responsável por quase que a totalidade da ruína descrita neste livro.

Narcóticos Anônimos, ou simplesmente NA, como é mais conhecido, é uma irmandade sem fins lucrativos que utiliza um programa adaptado da literatura de Alcoólicos Anônimos, o AA, para a recuperação de dependentes químicos. O tratamento é baseado em reuniões na quais os membros partilham suas experiências e então, através da empatia, que a capacidade de se identificar com o outro, encontram formas para se afastar do vício. São sugeridas algumas normas de conduta e é ressaltada a necessidade do apoio espiritual através de um deus conforme a concepção individual, lá chamado genericamente de Poder Superior. A filosofia de vida empregada baseia-se no “Só por Hoje”, conceito que enfatiza a impossibilidade de se alterar o passado ou prever o futuro. Deve-se viver o hoje da melhor maneira possível. Para mim funcionou.

Muitos foram os que não tiveram a mesma sorte. Alguns dos amigos também aqui mencionados encontram-se ainda perdidos nas drogas. Internados, mendigando nas esquinas e até mesmo desaparecidos sem que ninguém saiba o paradeiro. Meu pai ainda hoje vive, com restrições na fala e locomoção decorrentes dos infartos e acidentes vasculares cerebrais sofridos em virtude de décadas de alcoolismo e tabagismo. Já minha mãe encontrou descanso na religião, através da qual superou o vício.

Da capa do jornal às páginas de um livro. Hoje sou casado com uma mulher que amo. Sou pai de uma filha linda e de um menino que ainda está por chegar. Descobri que a felicidade está em momentos e realizações que nenhuma substância química é capaz de proporcionar. Não importa como o sucesso é alcançado. O que vale é poder ressaltar que, enquanto existir vida, restará a possibilidade de recuperação.

APÊNDICE

As Nações Unidas estimam que as mortes anuais causadas pelo consumo de drogas no mundo possam atingir até 253 mil pessoas. Os derivados do ópio a revelaram-se como os mais letais. "Estima-se que entre 99 mil a 253 mil mortes possam estar associadas ao uso de drogas ilícitas, e a maioria dessas mortes, que poderia ser evitada, resultou de 'overdose' de opiáceos", afirma um relatório do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (ONUDC) divulgado em junho de 2013 na cidade de Viena na Áustria. O documento adverte para o aumento do uso de narcóticos na América Latina, África e Ásia.

As zonas do mundo com mais mortes relacionadas com drogas são a América do Norte e a Oceania, um em cada 20 mortos entre as pessoas com idades entre os 15 e os 64 anos, o que a organização explica não só pelo maior consumo como também pelo melhor monitoramento e comunicação dos dados. "Os opiáceos continuam a provocar os maiores prejuízos em nível mundial, a julgar pela procura de tratamento, pelo consumo por injeções e pelas infecções por HIV, assim como pelas mortes relacionadas" a essa substância, assegura o relatório.

A maconha é a droga que mais se consome a nível mundial, seguida pelas anfetaminas e seus derivados. Segundo o relatório, se os consumos de estupefacientes tradicionais, como a cocaína, a heroína ou a *cannabis*, estabilizaram ou mesmo reduziram nos Estados Unidos e na Europa, o mesmo não aconteceu em partes da América do Sul, África e Ásia, onde têm crescido.

Em 2010, este departamento da ONU calculava que "de 153 a 300 milhões de pessoas, ou seja, de 3,4 a 6,6% das pessoas com idades entre os 15 e os 64 anos em todo o mundo", tinham consumido algum tipo de droga pelo menos uma vez no ano. Quanto aos considerados "consumidores problemáticos de drogas", este organismo estimava que entre 15,5 e 38,6 milhões de pessoas usam de forma habitual cocaína ou derivados do ópio ou mesmo ambos. Os consumidores de narcóticos injetáveis, os mais perigosos, ascendem a entre 11 e 22 milhões de pessoas e, só para a cocaína, estima-se que em 2010 houve entre 13 a 19,5 milhões de consumidores, sublinha o documento, que alerta para o fato de apenas 20% dos casos mais problemáticos terem acesso a tratamentos.

Tais dados são alarmantes, mas ainda assim, retratam apenas uma parcela das mortes motivadas por drogas. Se computarmos a esta conta os números relacionados ao tráfico, acidentes de trânsito e homicídios cometidos sob o efeito de narcóticos, os números teriam um aumento exponencial.

ANEXOS

A seguir são apresentadas imagem que irão compor o livro já finalizado e as suas respectivas localizações.



O Mergulho – Ilustração produzida a partir de foto retirada da Internet



A Ilha – Vista do monte Inhá Pina na Ilha do Mel – imagem retirada da internet



O Fundo do poço – imagem retirada da internet

DIÁRIO DE BAURURU 50

Revolucionários do balé

A dança sempre é o atrativo de qualquer cidade. A companhia bauroense, entretanto, tem uma característica peculiar: os bailarinos são todos jovens, e a maioria deles, homens. Isso, segundo os próprios bailarinos, é devido ao fato de que a dança é considerada uma atividade masculina. A companhia, que atua há mais de 10 anos, tem uma programação diversificada, com apresentações em locais variados da cidade. A próxima apresentação será no dia 15 de maio, às 20h, no Teatro Municipal. A entrada é gratuita. **Página 1**



CLASSIFICAÇÃO

Clube do Brasil
1º lugar, 100 pontos
2º lugar, 90 pontos
3º lugar, 80 pontos
4º lugar, 70 pontos
5º lugar, 60 pontos
6º lugar, 50 pontos
7º lugar, 40 pontos
8º lugar, 30 pontos
9º lugar, 20 pontos
10º lugar, 10 pontos

Clube do Rio
1º lugar, 100 pontos
2º lugar, 90 pontos
3º lugar, 80 pontos
4º lugar, 70 pontos
5º lugar, 60 pontos
6º lugar, 50 pontos
7º lugar, 40 pontos
8º lugar, 30 pontos
9º lugar, 20 pontos
10º lugar, 10 pontos

Clube do Sol
1º lugar, 100 pontos
2º lugar, 90 pontos
3º lugar, 80 pontos
4º lugar, 70 pontos
5º lugar, 60 pontos
6º lugar, 50 pontos
7º lugar, 40 pontos
8º lugar, 30 pontos
9º lugar, 20 pontos
10º lugar, 10 pontos



Fim da linha A Polícia Federal interveio ontem 107 quilos de crack e 57 quilos de cocaína apreendidos no apartamento final de 10 e nos primeiros quartos de 50. **Página 33**

Fora de controle, dengue chega a 78 casos

★ Pior epidemia da história já atinge o centro da cidade

Mais 23 casos de dengue foram confirmados ontem em Baururu, o que eleva para 78 o total de doentes desde o mês passado, quando houve a retomada da epidemia. A secretaria municipal de Saúde, Eliane Fátima Felles Nunes, afirmou ontem que a situação é alarmante e que se não forem tomadas medidas urgentes, a epidemia poderá se tornar uma verdadeira epidemia. A secretaria também informou que a situação é alarmante e que se não forem tomadas medidas urgentes, a epidemia poderá se tornar uma verdadeira epidemia. **Página 31**



Índios aceitam acordo e desocupam a Funai

Índios de cinco tribos que ocupavam a sede regional da Funai (Fundação Nacional do Índio) em Baururu, em protesto contra a falta de recursos, desocuparam ontem a sede. Os índios afirmaram que não aceitam o acordo proposto pela Funai e que vão continuar a luta por seus direitos. A Funai informou que está trabalhando para resolver o problema e que espera que os índios retornem à sede o mais rápido possível. **Página 32**



O cantor desempregado Fernando Lima Brito: reação a assalto ao bar de um dos ladrões

Delegado acha que Izzo não saiu de SP

O delegado seccional da Polícia Civil, Luiz Augusto da Oliveira Castro, disse ontem que o prefeito afastado Antonio Izzo Filho (PTB) continua no Estado. "Com certeza, ele não saiu", afirmou. Para Castro, o mais provável é que ele esteja em São Paulo, próximo aos seus advogados. O delegado também afirmou que não descartaria a hipótese de Izzo tentar deixar o País caso o delegado J.J. Carli envie uma equipe para uma cidade em busca do paralelo de Izzo. Ele não quis revelar o nome do local. **Página A5**

Líder de NC quer prioridade nos cortes

O vereador Edmundo Albuquerque (PSDB), líder informal do prefeito em exercício Wilson Costa (PL) na Câmara, defendeu ontem a demissão de fazendeiros como uma prioridade da administração. O vereador levou essa proposta pessoalmente a R.C. Baururu não tem mais tempo a perder. Isso que se o modo de, enquanto há excesso de servidores em cargos políticos, faltam trabalhadores para limpar as ruas. Anteriormente, vários vereadores pediram o cronograma da administração municipal. **Página A4**

Campanha vacinará 18,5 mil idosos

A prefeitura que tem a partir de 65 anos serão o público-alvo da primeira campanha nacional de vacinação destinada à população idosa. A campanha será realizada em todo o Brasil, com o objetivo de reduzir a mortalidade por doenças evitáveis. A prefeitura de Baururu está se preparando para receber a campanha e já está enviando convites para os idosos se vacinarem. **Página 34**

Custo do sangue doado é de R\$ 50 mil

O governo do Estado pagou em maio de 2003 por uma unidade de sangue doado de R\$ 50 mil. O custo é considerado alto, mas necessário para garantir a segurança do sangue. O governo também informou que está trabalhando para reduzir o custo e que espera que os doadores sejam mais numerosos. **Página 35**

Rapaz de 21 reage e mata assassino

O cantor desempregado Fernando Lima Brito, 21 anos, reagiu a um assalto de um rapaz de 21 anos que estava tentando roubar um celular. O cantor reagiu e matou o ladrão. O caso está sendo investigado pela polícia e o cantor está sendo tratado como suspeito. **Página 36**

INPC teve alta de 1,26%

A inflação sobre o consumidor final em fevereiro teve uma alta de 1,26%, segundo o IBGE. A inflação foi impulsionada pelo aumento dos preços dos alimentos e dos serviços. **Página 37**

OPINIÃO

O Edmundo critica o descaso do governo com a questão indígena, que teve esta semana em Baururu a 15ª edição do Fórum. **A República: Adriano Amorim critica o artigo**

O Fundo do poço – Autorial

fora
sa

bandeja mas-
sada Copimax
em à noite, no
sua primei-
de casa no
nacional, ao
por 83 a 77
entro tempo).
o início do
o e o time
ais dois jo-
adversárias
Bauru. Nes-
o Uber-
e na pró-
ta ao Rio
asco.



D
E
F1
F
F2
F3
F4
F6
G

50
%

II

Índios de cinco tribos que
invadiram a sede regional da
Funai (Fundação Nacional do
Índio) em Bauru, em protes-
to contra a falta de recursos,
desocuparam anteontem à

noite o local, depois de fechar
acordo com a Funai em
Brasília. A entidade garantiu
que a verba referente aos pri-
meiros três meses deste ano
começam a ser repassadas

hoje. As comunidades indíge-
nas decidiram dar um "voto
de confiança" ao novo presi-
dente da Funai, Márcio Pano-
ff Lacerda, que ocupa o cargo
há 18 dias. **Página B2**

João Carlos Ribeiro



O cantor desempregado Fernando Leme Grisolia: reação a assalto acaba na morte de um dos ladrões

Campanha vacinará 18,5 mil idosos

As pessoas que têm a par-
tir de 65 anos serão o públi-
co alvo da primeira cam-
panha nacional de vacinação
destinada à população idosa.
Em Bauru, a DIR-X (Divisão
Regional de Saúde) planeja
colocar à disposição cerca de
33.000 doses das vacinas
contra gripe, tétano e pneu-
monia para imunizar 18.500
idosos. **Página B4**

Custo do sangue doado é de R\$ 50 mil

O governo do Estado gas-
ta em média R\$ 50.000 por
mês para garantir a qualida-
de do sangue coletado de
doadores no Hemonúcleo de
Bauru. Investigar os 450 mi-
ligramas de cada um dos cer-
ca de cinquenta doadores
diários, através da realização
de vários testes, custa cin-
quenta reais antes de chegar
à transfusão. **Página B1**

Rapaz de 21 reage e mata assaltante

O cantor desempregado
Fernando Leme Grisolia, 21
anos, reagiu a um assalto de
que foi vítima ontem de ma-
drugada e matou o ladrão,
Carlos Alberto Gandara, ida-
de e profissão não reveladas.
Depois de ser atacado por
Gandara e outras três pesso-
as, Grisolia alcançou um de-
les, jogou-o ao chão e chutou-
o várias vezes. **Página B3**

poderá
apoto el
elimina
Há atin
tos em
gões a
em Bai
Sabtiás
Parqu
Serrão

De
acl
Izz
sa

O
Polici
Olive
que
nio L
no E
não
tro,
estej
aos
gade
não
Izzo
não
O d
ont
cida
ro
lar

M
a

m
en
de
cá
(I
C

O Fundo do poço – Autorial



Os que morreram – Ilustração produzida a partir de imagem retirada da internet



A Saída (Epílogo) – Ilustração produzida a partir de imagem retirada da internet